



MARÇO

Primeira semana

Sinto-me mal por te deixar — disse Amelia. Tinha os olhos inchados e vermelhos. Estavam assim desde o funeral de Tray Dawson. — Tens de fazer o que é preciso — retorqui, com um sorriso muito generoso. Conseguia captar a culpa, a vergonha e o pesar inabalável que se projectavam da mente de Amelia num aglomerado sombrio. — Estou muito melhor — assegurei. Ouvia a minha voz animada e não conseguia parar de falar. — Já ando bem e os buracos foram preenchidos. Vês? — Puxei para baixo o cós das calças para lhe mostrar um ponto em que a carne fora arrancada. A marca dos dentes quase não se via, apesar de não estar completamente lisa e de se mostrar notoriamente mais pálida do que a pele em redor. Se não tivesse ingerido uma dose tão grande de sangue de vampiro, a cicatriz pareceria uma dentada de tubarão.

Amelia baixou o olhar e afastou-o prontamente, como se não conseguisse suportar ver as marcas do ataque.

— A Octavia não pára de me enviar emails dizendo que tenho de ir para casa e aceitar o julgamento do conselho das bruxas ou do que resta dele — disse, com um único fôlego. — E preciso de verificar as reparações em minha casa. Porque voltou a haver alguns turistas e há gente a regressar para reconstruir, a loja de magia reabriu. Posso trabalhar lá em part-time. Além disso, por mais que goste de ti e de viver aqui, desde a morte do Tray...

— Eu compreendo. Acredita. — Tínhamos repetido a mesma conversa algumas vezes.

— Não te culpo — disse Amelia, tentando captar o meu olhar.

Era verdade que não me culpava. Porque conseguia ler-lhe os pensamentos, sabia que dizia a verdade.

Nem eu me culpava por inteiro, o que era surpreendente.

Era verdade que Tray Dawson, amante de Amelia e lobisomem, tinha sido morto enquanto desempenhava as funções de meu guarda-costas. Era verdade que tinha pedido um guarda-costas à alcateia de lobisomens mais próxima porque me deviam um favor e porque precisava de protecção. No entanto, estivera presente quando Tray Dawson morreu às mãos de uma fada armada com uma espada e sabia quem fora o responsável.

Por isso, não me sentia exactamente culpada. Mas sentia grande mágoa por perder Tray, sobre todos os outros horrores. A minha prima Claudine, uma fada de sangue puro, também morrera na Guerra dos Fae e, porque era a minha fada-madrinha, sentia a sua falta de muitas formas diferentes. Além disso, estava grávida.

Tinha de lidar com a dor de muitos tipos diferentes, tanto física como mental. Enquanto Amelia levava um braçado de roupa para o piso de baixo, deixei-me ficar no seu quarto, recompondo-me. A seguir, preparei os ombros e ergui uma caixa de objectos retirados da casa de banho. Desci as escadas lentamente e com cuidado, dirigindo-me para o carro. Amelia voltou-se depois de depositar as roupas em caixas já colocadas no porta-bagagens.

— Não devias fazer isso! — disse, muito preocupada. — Ainda não estás boa.

— Estou óptima.

— Nem por sombras. Saltas sempre que alguém entra e te surpreende e sei que te doem os pulsos — afirmou. Retirou-me a caixa das mãos e colocou-a no banco de trás. — Continuas a apoiar o peso do corpo na perna esquerda e ainda sentes dores quando chove. Mesmo com o sangue de vampiro.

— Os sobressaltos hão-de melhorar. Com o passar do tempo, a recordação deixará de estar tão presente — disse-lhe. (Se a telepatia me ensinara alguma coisa, fora que as pessoas conseguiam sepultar as suas memórias mais graves e dolorosas, se tivessem tempo e distrações suficientes.) — E não foi apenas sangue de vampiro, mas sim o sangue do Eric. É potente. E os meus pulsos estão muito melhores. —

Não referi que os sentia palpitar naquele preciso momento por terem passado tantas horas atados. A Dra. Ludwig, médica do sobrenatural, explicara-me que as terminações nervosas (e os pulsos) acabariam por voltar ao normal, eventualmente.

— Sim... por falar em sangue... — Amelia inspirou fundo e preparou-se para dizer alguma coisa que sabia que não me iria agradar. Porque lho ouvi na cabeça antes de o dizer, pude preparar-me. — Já pensaste em... Sookie, não me pediste opinião, mas acho que não devias beber mais sangue do Eric. Sei que é o teu homem, mas tens de pensar nas consequências. Às vezes, as pessoas são transformadas por acidente. Não é uma equação matemática.

Apesar de apreciar a preocupação de Amelia, invadia terreno privado.

— Não trocamos — expliquei. «Muito.» — Bebe só um gole do meu sangue quando... bom... no momento chave. — Ultimamente, lamentava admitir que Eric tinha muito mais momentos chave do que eu. Esperava que a magia antes existente no quarto regressasse. Se algum homem conseguisse levar a cabo uma cura sexual, seria Eric.

Amelia sorriu, reagindo da forma desejável à minha explicação.

— Pelo menos... — E voltou-se sem terminar a frase. Mas pensava: «Pelo menos, sentes vontade de fazer sexo.»

Não era tanto por sentir vontade, mas por achar que devia continuar a tentar sentir desejo. Não queria discutir o assunto. A minha capacidade para me libertar, essencial ao sexo de qualidade, fora anulada durante a tortura. Sentira-me absolutamente indefesa. Podia apenas desejar recuperar também nessa área. Sabia que Eric conseguia sentir a minha falta de realização. Perguntara-me várias vezes se queria mesmo fazê-lo. Respondera que sim, quase sempre, aplicando a teoria da bicicleta. Sim, tinha caído. Mas estava sempre disposta a tentar voltar a pedalar.

— Como vai a relação? — perguntou. — Fora do quarto. — Estava tudo arrumado. Empatava, receando o momento em que entraria no carro para partir.

Era apenas o orgulho a impedir que me agarrasse a ela a chorar.

— Acho que nos estamos a dar muito bem — disse, esforçando-me muito para soar alegre. — Continuo a não ter perceber o que sinto realmente e o que o elo me força a sentir. — Era agradável poder discutir a minha ligação sobrenatural com Eric juntamente com a atracção muito normal de uma mulher por um homem. Antes dos

meus ferimentos durante a Guerra dos Fae, Eric e eu tínhamos estabelecido aquilo a que os vampiros chamavam um elo de sangue, por termos trocado sangues várias vezes. Conseguia perceber a localização aproximada de Eric e a sua disposição e ele conseguia sentir o mesmo a meu respeito. Estava sempre vagamente presente na minha cabeça, como o zumbido ligeiro de um ventilador que alguém ligasse para conseguir adormecer melhor. (Achava muito bom que Eric dormisse o dia todo porque me permitia estar sozinha pelo menos durante parte do tempo. Talvez ele sentisse o mesmo quando eu me deitava à noite?) Não ouvia vozes na cabeça nem nada parecido. Ou melhor, não mais do que o habitual. Mas, se me sentisse feliz, tinha de tentar perceber se era realmente eu e não Eric a sentir-se feliz. Passava-se o mesmo com a raiva. Eric sentia muita raiva. Raiva controlada e cuidadosamente acumulada. Sobretudo nos últimos tempos. Talvez a captasse de mim. Também andava bastante enraivecida naqueles dias.

Esqueci Amelia e deixava-me afundar num fosso de depressão.

Foi ela a despertar-me.

— Isso é só uma grande desculpa — disse, sem rodeios. — Vamos, Sookie. Ou o amas ou não. Não continues a adiar pensar no assunto por poderes culpar o elo. Blá, blá, blá. Se odeias assim tanto o elo, porque não investigaste como te podes libertar dele? — Estudou a expressão na minha cara e a irritação desapareceu da sua. — Queres que pergunte à Octavia? — perguntou, num tom mais suave. — Se alguém souber, será ela.

— Sim. Gostava de descobrir — respondi, após um momento. Inspirei fundo. — Tens razão, acho. Tenho estado tão deprimida que adiei tomar decisões ou concretizar as decisões tomadas. O Eric é único. Mas acho-o... um pouco esgotante. — Tinha uma personalidade forte e estava habituado a ser o maior peixe do charco. Também sabia que a sua vida era infinita.

A minha não.

Ainda não o referira, mas, mais cedo ou mais tarde, fá-lo-ia.

— Esgotante ou não, amo-o — continuei. Nunca o tinha dito em voz alta. — E acho que é isso o que mais importa.

— Acho que sim. — Amelia tentou sorrir-me, mas a tentativa foi patética. — Ouve, continua a tentar perceber o que sentes. — Mantive-se imóvel por um momento, com a expressão paralisada num meio sorriso. — Bem, Sook, é melhor fazer-me à estrada. O meu pai espera-me. Não me vai deixar em paz logo que chegue a Nova Orleães.

O pai de Amelia era rico, poderoso e não acreditava minimamente no poder da filha. Era um grande erro não respeitar a sua feiticeira. Amelia nascera com o potencial para o poder dentro de si, como sucedia com qualquer outra bruxa. Depois de receber mais algum treino e de conseguir aumentar a sua disciplina, tornar-se-ia assustadora... intencionalmente assustadora e não por culpa da natureza drástica dos erros que cometia. Esperei que a sua mentora, Octavia, tivesse pensado num programa para lhe desenvolver o talento.

Depois de lhe acenar enquanto se afastava pela estrada fora, o sorriso amplo desapareceu-me da face. Sentei-me nos degraus do alpendre e chorei. Não era preciso muito para me levar às lágrimas naqueles dias e a partida da minha amiga foi apenas o rastilho. Havia tanto motivo para chorar.

Crystal, a minha cunhada, fora assassinada. Mel, amigo do meu irmão, fora executado. Tray, Claudine e o vampiro Clancy tinham sido mortos no cumprimento do dever. Porque tanto Crystal como Claudine estavam grávidas, acrescentava mais duas mortes à lista.

Talvez tudo isso me devesse ansiar por paz acima de qualquer outra coisa. Mas, em vez de me transformar no Gandhi de Bon Temps, guardava no coração o conhecimento de que havia muito mais gente que queria ver morta. Não era directamente responsável pela maioria das mortes no meu rasto, mas afligia-me a percepção de que nenhuma teria acontecido sem mim. Nos meus momentos mais sombrios (e aquele era um deles), pensava se a minha vida valeria o preço que fora pago por ela.



MARÇO

O Fim da Primeira Semana

O meu primo Claude estava sentado no alpendre da frente quando me levantei numa manhã encoberta e fria, alguns dias após a partida de Amelia. Claude não era tão hábil a camuflar a sua presença como o meu bisavô Niall. Porque era um *fae*, não conseguia ler-lhe a mente, mas percebia que estava lá, se não for uma forma demasiado obscura de explicar. Levei o meu café para o alpendre, apesar do ar fresco, porque beber a primeira chávena no alpendre fora uma das minhas coisas preferidas antes de... antes da Guerra dos Fae.

Não via o meu primo há semanas. Não o vira durante a guerra e não me contactara desde a morte de Claudine.

Trouxe uma chávena extra e passei-lha. Aceitou-a em silêncio. Ponderei a possibilidade de me lançar o conteúdo à cara. A sua presença inesperada abalava-me, claro. Não sabia o que esperar. A brisa erguia o seu cabelo preto longo, fazendo-o dançar como fitas de ébano. Os olhos cor de caramelo eram rodeados por aros vermelhos.

— Como morreu? — perguntou.

Sentei-me no primeiro degrau.

— Não vi — respondi, debruçando-me sobre os joelhos. — Estamos naquele edifício velho que a Dra. Ludwig usava como hospital. Acho que a Claudine tentava impedir as outras fadas de percorrerem o corredor para chegar ao quarto onde estava com o Bill, o Eric e o Tray.

— Olhei Claude para me assegurar de que conhecia o sítio e vi-o acenar afirmativamente. — Tenho quase a certeza de que foi o Breandan a matá-la porque trazia uma das suas agulhas de croché espetadas no ombro quando forçou a entrada no quarto.

Breandan, o inimigo do meu bisavô, fora também um príncipe dos *fae*. Acreditara que os humanos e os *fae* não deviam coabitar. A sua devoção a essa ideia fora quase fanática. Queria que os *fae* terminassem por completo as suas incursões pelo mundo humano, apesar dos grandes interesses financeiros do seu povo no comércio e nos produtos que permitia gerar... produtos que os ajudavam a integrar-se no mundo moderno. Breandan odiara particularmente que os *fae* tivessem amantes humanos e odiara as crianças nascidas de tais ligações. Quisera mantê-los separados, isolados no seu mundo, relacionando-se apenas com os seus.

Estranhamente, foi isso que o meu bisavô decidiu fazer depois de derrotar a fada que acreditava nesta política de *apartheid*. Depois do derrame de sangue, Niall concluiu que a paz entre os *fae* e a segurança para os humanos seriam possíveis apenas quando se isolassem no seu mundo. Breandan conseguira atingir o objectivo com a sua morte. Nos meus piores momentos, achava que a decisão final de Niall tornava a guerra inútil.

— Defendia-te — disse Claude, fazendo-me voltar à realidade. Não havia nada perceptível na sua voz. Nem culpabilização, nem raiva ou sequer uma interrogação.

— Sim. — Defender-me fizera parte das suas funções, seguindo as ordens de Niall.

Bebi um longo gole de café. O de Claude permanecia intocado no braço da cadeira de baloiço. Talvez Claude pensasse se devia matar-me. Claudine fora a sua última irmã sobrevivente.

— Sabias que estava grávida — disse, por fim.

— Disse-mo pouco antes de morrer. — Pousei a chávena e rodeei os joelhos com os braços. Esperei o golpe. Não me importava grandemente, o que era ainda mais terrível.

Claude disse:

— Sei que Neave e Lochlan te capturaram. É por isso que coxeias? — A mudança de assunto apanhou-me desprevenida.

— Sim — retorqui. — Estive nas suas mãos durante um par de horas. O Niall e o Bill Compton mataram-nos. Para que saibas... foi o Bill que matou o Breandan, usando a colher de jardineiro da minha

avó. — Apesar de a colher de jardineiro ter passado décadas na arrecadação de ferramentas familiar, sempre a associara a ela.

Claude permaneceu sentado, belo e insondável, durante longo tempo. Nunca me olhou directamente nem bebeu o café. Quando chegou a alguma conclusão interior, ergueu-se e partiu, descendo pela estrada que conduzia à Hummingbird Road. Não sabia onde tinha deixado o carro. Tanto quanto sabia, poderia ter vindo a pé de Monroe ou poderia ter viajado num tapete voador. Entrei em casa, deixei-me cair de joelhos do outro lado da porta e chorei. As mãos tremiam-me. Os pulsos doíam-me.

Enquanto faláramos, esperara que me atacasse.

Percebi que queria viver.



MARÇO

A Segunda Semana

JB disse:

— Ergue o braço até acima, Sookie! — A concentração vincava-lhe a face atraente. Ergui lentamente o braço esquerdo, segurando o peso de dois quilos. Doía, bolas. Tal como o direito.

— Agora as pernas — disse JB, quando os braços começaram a tremer com o esforço. Não era um fisioterapeuta certificado, mas era treinador pessoal e tinha experiência em ajudar gente a ultrapassar problemas variados. Talvez nunca tivesse sido confrontado com tamanha concentração, já que fora mordida, cortada e torturada. Mas não tive de lhe explicar os pormenores e não notaria que os ferimentos eram muito diferentes dos que resultariam de um acidente de viação. Não queria que circulassem rumores em Bons Temps sobre os meus problemas físicos e ia fazendo visitas ocasionais à Dra. Ludwig, que se parecia de forma suspeita com um *hobbit*, recorrendo aos serviços de JB du Rone, que era um treinador competente, mas burro como um saco de tijolos.

A mulher de JB, a minha amiga Tara, sentava-se num dos bancos de levantamento de pesos. Lia um livro de preparação para a maternidade. Estava grávida quase de cinco meses e mostrava-se determinada em ser a melhor mãe possível. Porque o bom coração de JB não tinha paralelo com o cérebro, Tara assumia o papel de Progenitor Mais Responsável. Ganhara dinheiro durante o liceu como ama, o que lhe

conferia alguma experiência no cuidado de crianças. Franzia a testa enquanto voltava as páginas. Era uma expressão que reconhecia dos tempos que passáramos juntas na escola.

— Já escolheste um médico? — perguntei, depois de terminar de levantar as pernas. Sentia os músculos muito doridos, particularmente os músculos que tinham sido feridos na perna esquerda. Estávamos no ginásio onde JB trabalhava e passava já da hora de encerramento, pois eu não era membro. O patrão de JB tinha autorizado o acordo temporário para o manter feliz. JB era uma grande mais-valia para o ginásio. Desde que tinha começado a trabalhar, o número de membros do sexo feminino aumentara consideravelmente.

— Acho que sim — respondeu Tara. — Podia escolher entre quatro na zona e fomos falar com todos. Já tive a primeira consulta com o Dr. Dinwiddie, aqui em Clarice. Sei que o hospital é pequeno, mas não será uma gravidez de risco e fica muito perto.

Clarice ficava a apenas alguns quilómetros de Bon Temps, onde vivíamos. Era possível ir de minha casa ao ginásio em menos de vinte minutos.

— Ouvi coisas boas a respeito dele — disse, com a dor nos músculos deixando-me a cabeça zozna. Senti a testa suada. Costumava considerar-me uma mulher em forma e maioritariamente feliz. Via-me forçada a enfrentar dias em que precisava de grande esforço para sair da cama e ir trabalhar.

— Sook — disse JB —, olha o peso. — Sorria-me.

Pela primeira vez, percebia que tinha feito dez alongamentos com mais cinco quilos do que costumava usar.

Retribuí-lhe o sorriso. Não durou muito, mas soube que tinha feito alguma coisa bem.

— Talvez possas cuidar do bebé de vez em quando — disse Tara. — Vamos ensiná-lo a chamar-te Tia Sookie.

Seria uma tia honorária. Poderia cuidar do bebé. Confiavam em mim. Dei comigo a planear um futuro.



MARÇO

A Mesma Semana

Passei a noite seguinte com Eric. Como fazia pelo menos três ou quatro vezes por semana, acordei ofegante e aterrorizada, completamente perdida. Segurei-me a ele como se a tempestade pudesse arrastar-me se não o usasse como âncora. Chorava quando acordei. Não era a primeira vez que acontecia, mas, daquela vez, vi que ele chorava comigo. Lágrimas sangrentas cruzavam-lhe a brancura da face de uma forma perturbadora.

— Não — implorei-lhe. Esforçava-me tanto para agir normalmente quando estávamos juntos. Mas claro que percebia. Naquela noite, sentia a sua determinação. Eric tinha alguma coisa para me dizer e di-lo-ia quer eu quisesse ouvir ou não.

— Senti o teu medo e a tua dor naquela noite — disse, com voz embargada. — Mas não podia ir em teu auxílio.

Por fim, dizia-me algo que esperava perceber.

— Porque não? — perguntei, esforçando-me muito para controlar o tom de voz. Poderá parecer incrível, mas sentira-me tão instável que nem me atrevera a perguntar.

— Victor não me permitiu que partisse — explicou. Victor Madden era o patrão de Eric. Fora nomeado por Felipe de Castro, o rei do Nevada, para gerir o reino conquistado do Louisiana.

A minha reacção inicial à explicação foi de amarga desilusão. Ouvira aquela história antes. «Um vampiro mais poderoso do que eu

obrigou-me a fazê-lo.» Era uma repetição da desculpa de Bill para regressar para a sua criadora, Lorena.

— Claro — disse. Voltei-me de costas para ele. Sentia crescer um desapontamento cruel. Decidi vestir-me e regressar a Bon Temps assim que conseguisse reunir forças. A tensão, a frustração e a raiva de Eric avassalavam-me.

— Os seguidores de Victor acorrentaram-me com prata — disse, atrás de mim. — Marcou-me.

— Literalmente. — Tentei não soar tão céptica como me sentia.

— Sim, literalmente. Sabia que te acontecia algo. Victor estava no *Fantasia* nessa noite, como se soubesse antecipadamente que devia estar presente. Quando Bill ligou para me informar de que tinhas sido levada, consegui contactar Niall antes que três dos sequazes de Victor me acorrentassem à parede. Quando... protestei... Victor disse que não me permitiria tomar partido na Guerra dos Fae. Disse que, independentemente do que te acontecesse, não poderia envolver-me.

A raiva forçou-o a calar-se por um longo momento. E atravessou-me como um ribeiro em simultâneo fervente e gelado. Retomou o relato com a mesma voz embargada.

— Também prenderam e isolaram Pam, apesar de não a acorrentarem. — Pam era o braço-direito de Eric. — Porque Bill estava em Bon Temps, pôde ignorar as mensagens telefónicas que Victor lhe deixou. Niall encontrou-se com ele em tua casa para te seguirem o rasto. Bill ouvira falar de Lochlan e Neave. Como todos nós. Sabíamos que não te restaria muito tempo. — Mantinha as costas voltadas, mas ouvia mais do que apenas a sua voz. Mágoa, raiva, desespero.

— Como te libertaste das correntes? — perguntei à escuridão.

— Recordei a Victor que Felipe te tinha prometido protecção e que fora uma promessa feita pessoalmente. Fingiu não acreditar em mim. — Senti o colchão mover-se enquanto Eric se deixava cair sobre as almofadas. — Alguns dos vampiros eram suficientemente fortes e honrados para recordar que deviam lealdade a Felipe e não a Victor. Apesar de não o desafiarem directamente, permitiram em segredo que Pam contactasse o nosso novo rei. Quando consegui falar com ele, explicou-lhe que nos tínhamos casado. A seguir, exigiu que Victor falasse com Felipe. Não se atreveu a recusar. Felipe ordenou-lhe que me libertasse. — Alguns meses antes, Felipe de Castro tornara-se rei do Nevada, do Louisiana e do Arkansas. Era poderoso, velho e muito ardisoso. E devia-me muito.

— O Felipe castigou o Victor? — A esperança era a última a morrer.

— Eis a questão — respondeu Eric. Algures durante a sua vida, o meu vikingue adorado lera Shakespeare. — Victor alegou ter esquecido temporariamente a nossa união. — Mesmo que, por vezes, também eu tentasse esquecê-la, enfurecia-me. Victor estava presente no gabinete de Eric quando lhe entreguei a faca cerimonial, desconhecendo por completo que esse acto oficializava um casamento vampiro. Podia não saber, mas Victor sabia. — Disse ao nosso rei que mentia para tentar salvar a minha amante humana dos *fae*. Disse que não se deveriam perder vidas de vampiros para salvar uma humana. Disse a Felipe que não acreditara em Pam e em mim quando lhe disseramos que Felipe te tinha prometido protecção depois de o salvares de Sigebert.

Voltei-me novamente para Eric e o luar que entrava pela janela pintava-o com pinceladas de negro e prateado. No meu breve contacto com o vampiro poderoso que conseguira alcandorar-se até uma posição de poder ainda maior, percebera que Felipe estava muito longe de ser um tolo.

— Inacreditável. Como conseguiu o Victor escapar a ser morto pelo Felipe? — perguntei.

— Pensei muito nisso, claro. Creio que Felipe tem de fingir acreditar em Victor. Creio que Felipe compreende que, ao tornar Victor o seu representante na gestão de todo o estado do Louisiana, fez crescer as suas ambições até um nível reprovável.

Descobri que era possível olhar Eric objectivamente, enquanto pensava no que dissera. A minha confiança provocara-me dissabores no passado e, daquela vez, não pretendia aproximar-me demasiado do fogo sem uma ponderação cuidadosa. Uma coisa seria rir com Eric ou ansiar pelos momentos em que nos uníamos na escuridão. Mas era muito diferente confiar-lhe emoções mais frágeis. Não me sentia nada inclinada para a confiança naquele momento.

— Parecias incomodado quando vieste ao hospital — disse, desviando a conversa para um atalho. Quando acordara na velha fábrica que a Dra. Ludwig usara como hospital de campanha, os meus ferimentos eram tão dolorosos que achei que morrer seria mais fácil do que viver. Bill, que me salvara, fora envenenado pelos dentes de prata de Neave. A sua sobrevivência estivera em risco. Tray Dawson, o amante lobisomem de Amelia mortalmente ferido, resistira tempo suficiente para morrer pela espada quando as forças de Breandan invadiram o local.

— Enquanto estavas nas mãos de Neave e Lochlan, sofri contigo — disse, fixando os olhos nos meus. — Senti a tua dor. Sangrei contigo. Não apenas pelo elo que nos une, mas pelo amor que sinto por ti.

Ergui uma sobranceira céptica. Não consegui evitar, apesar de perceber que estava a ser sincero. Estava disposta a acreditar que Eric teria vindo em meu auxílio muito mais rapidamente se tivesse podido fazê-lo. Estava disposta a acreditar que sentira o eco do horror sofrido por culpa dos meus torturadores *fae*.

Mas a dor, o sangue e o terror tinham sido meus. Podia tê-los sentido, mas de um local afastado.

— Acredito que terias ido se pudesses — disse-lhe, sabendo que tinha a voz demasiado calma. — Acredito realmente. Sei que os terias matado. — Eric apoiou-se sobre um cotovelo e uma mão grande aproximou a minha cara do seu peito.

Não podia negar que me sentia melhor depois de me ter contado. No entanto, não me sentia tão bem como esperara, apesar de saber porque não viera quando gritara por ele. Conseguia compreender até porque demorara tanto tempo a explicar. Eric não se via impotente com frequência. Era uma criatura sobrenatural incrivelmente forte. Um grande guerreiro. Mas não era um super-herói e não podia superar vários membros determinados da sua espécie. Dera-me muito sangue enquanto ainda recuperava dos efeitos das correntes de prata.

Finalmente, algo dentro de mim descontraíu perante a lógica do relato. Acreditei nele com o coração e não apenas com a cabeça.

Uma lágrima vermelha caiu sobre o meu ombro nu e deslizou. Limpei-a com o dedo, levando-o aos seus lábios, devolvendo-lhe a sua dor. Tinha dor própria em demasia.

— Acho que temos de matar o Victor — disse, fazendo-o olhar-me. Conseguira finalmente surpreendê-lo.



MARÇO

A Terceira Semana

Pois é — disse o meu irmão. — Como vês, continuo com a Michele. — Estava de costas para mim, virando os bifés no grelhador. Sentava-me numa cadeira dobrável, olhando o grande lago e o ancoradouro. A noite era magnífica, fria e cristalina. Agradava-me ficar ali sentada, vendo-o mover-se. Agradava-me estar com Jason. Michele estava dentro de casa a fazer uma salada. Ouvia-a cantar Travis Tritt.

— Fico feliz — repliquei. E era sincera. Era a primeira vez em meses que estava a sós com o meu irmão. Jason passara por um mau bocado. A mulher que o traíra e o seu filho por nascer tinham morrido de uma forma horrível. Descobrira que o seu melhor amigo estava perdidamente apaixonado por ele. Mas, enquanto o via grelhar a carne e ouvia o canto da namorada dentro de casa, compreendi que Jason era um grande sobrevivente. Ali estava ele, voltando a envolver-se com uma mulher, agradando-lhe a possibilidade de comer bifés com o puré de batata que eu tinha trazido e com a salada que Michele fazia. Tinha de admirar a sua determinação em encontrar prazer na vida. De muitas formas diferentes, o meu irmão não era um bom exemplo, mas não estava em posição para o censurar.

— A Michele é uma boa mulher — disse em voz alta.

E era. Apesar de reconhecer que a nossa avó não teria usado a mesma expressão para a qualificar. Michele Schubert era absolutamente directa acerca de tudo. Era impossível envergonhá-la porque nunca

fazia nada que não conseguisse admitir. Agindo pelo mesmo princípio de sinceridade plena, se Michele tivesse alguma coisa a apontar-nos, saberíamos. Trabalhava na oficina do concessionário da *Ford* como secretária. Era um tributo à sua eficiência que continuasse a trabalhar para o seu antigo sogro. (Na verdade, este dissera ocasionalmente que gostava mais dela do que do seu filho.)

Michele saiu. Vestia as calças de ganga e a camisola com o emblema da *Ford* que levava para o trabalho e tinha o cabelo escuro atado no alto da cabeça. Apreciava maquilhagem pesada, bolsas grandes e saltos altos. Estava descalça.

— Gostas de molho rancheiro, Sookie? — perguntou. — Também temos mostarda.

— Pode ser molho rancheiro — respondi. — Precisas de ajuda?

— Não é preciso. — O seu telemóvel tocou. — Bolas. É outra vez o velho Schubert. Aquele tipo não conseguia encontrar o próprio rabo sem ajuda.

Voltou a entrar, levando o telemóvel ao ouvido.

— Mas preocupa-me poder fazê-la correr perigo — disse Jason com o tom de voz que usava quando me pedia uma opinião sobre um assunto sobrenatural. — Aquela fada... o Dermot... o que se parece comigo. Sabes se ainda está por perto?

Voltara-se para me olhar. Encostava-se ao corrimão da plataforma que acrescentara à casa construída pelos nossos pais quando a minha mãe estava grávida dele. Não gozaram a casa durante muito mais de uma década. Morreram quando tinha sete anos e, quando Jason teve idade para viver sozinho (por cálculo do próprio), mudara-se para ali, deixando a casa da nossa avó. Durante dois ou três anos, fora palco de muitas festas desvairadas, mas as coisas tinham acalmado. Naquela noite, era-me muito claro que as suas perdas recentes tinham contribuído para o tornar ainda mais sóbrio.

Bebi um gole da garrafa. Não era grande bebedora (presenciava demasiados exageros no trabalho), mas fora-me impossível recusar uma cerveja fria numa noite tão agradável.

— Também gostava de saber onde está — disse-lhe. Dermot era o gémeo não idêntico de Fintan, o nosso avô meio fada. — O Niall selou-se em Faery com todas as fadas que quiseram juntar-se a ele e espero que o Dermot também lá esteja. O Claude ficou aqui. Vi-o há um par de semanas. — Niall era o nosso bisavô. Claude era seu neto do casamento com uma *fae* de sangue puro.

— Claude, o *stripper*.

— O proprietário de um clube de *strip*, que se despe nas noites dedicadas à clientela feminina, sim — corrigi. — O nosso primo também é modelo para capas de romances.

— Sim. Aposto que as raparigas desmaiam quando o vêem passar. A Michele tem um livro com ele na capa vestido como um génio da lâmpada. Deve adorá-lo. — Jason parecia decididamente invejoso.

— Acredito que sim. É um grande chato — disse, surpreendendo-me por rir.

— Tem-lo visto muitas vezes?

— Desde que fiquei ferida, só nessa ocasião. Mas, quando fui buscar o correio ontem, tinha-me mandado uns cupões para a *ladies' night* no *Hooligans*.

— Achas que vais aceitar a oferta?

— Por enquanto não. Talvez quando estiver... mais bem disposta.

— Achas que o Eric se importaria por veres outro homem nu? — Jason tentava mostrar-me como mudara pela forma casual como referia o meu relacionamento com um vampiro. Merecia pontos por estar disposto a tentar.

— Não sei bem — respondi. — Mas não veria outro homem a despir-se sem informar Eric antecipadamente. Para lhe dar uma oportunidade de emitir a sua opinião. Dirias à Michele se fosses a um clube de *strip* para ver mulheres a despirem-se?

Jason riu-se.

— Acho que o referiria de passagem só para ouvir o que achava. — Transferiu os bifés para uma bandeja e apontou as portas deslizantes de vidro. — Estão prontos — disse. Abri-lhe a porta. Tinha posto a mesa e servi o chá. Michele pusera a salada e o puré de batata sobre a mesa e fui buscar molho *A-1* à prateleira. Jason adorava *A-1*. Com o grande garfo que usava no grelhador, passou um bife para cada prato. Poucos minutos depois, todos comíamos. Formávamos um quadro bastante caseiro.

— O Calvin veio ao concessionário hoje — disse Michele. — Pensa trocar a carrinha. — Calvin Norris era um bom homem com um bom emprego. Andava pela casa dos quarenta e tinha grandes responsabilidades sobre os ombros. Era o chefe do meu irmão, o macho dominante na comunidade de panteras do pequeno povoado de Hotshot.

— Ainda está com a Tanya? — perguntei. Tanya Grissom traba-

lhava na *Norcross*, tal como Calvin, mas, por vezes, substituía empregadas do *Merlotte's* que não podiam vir.

— Sim. Vive com ele — respondeu Jason. — Discutem muitas vezes, mas acho que é para durar.

Calvin Norris, líder das panteras, esforçava-se para não se envolver nos assuntos dos vampiros. Tivera muito em que pensar desde que os metamorfos tinham revelado ao mundo a sua existência. Declarara a sua natureza dupla aos colegas de trabalho durante uma pausa no dia seguinte. Agora que o mundo tinha aceite a novidade, tornara-se ainda mais respeitado. Tinha boa reputação em Bon Temps e arredores, mesmo que a maioria dos habitantes de Hotshot fossem olhados com alguma desconfiança porque a comunidade era tão isolada e peculiar.

— Porque não te assumiste quando o Calvin fez o mesmo? — perguntei. Nunca captara aquele pensamento na cabeça de Jason.

O meu irmão pareceu pensativo. Era uma expressão que lhe era um pouco estranha.

— Acho que ainda não estou preparado para responder a muitas perguntas — disse. — A transformação é uma coisa pessoal. A Michele sabe e é isso que importa.

Michele sorriu-lhe.

— Orgulho-me muito do Jason — disse. E não precisaria de elaborar. — Quando se transformou em pantera, lidou com as coisas como um homem. Não podia evitar e decidiu aproveitar ao máximo. Sem lamúrias. Há-de contar às pessoas quando estiver pronto.

Jason e Michele surpreendiam-me uma e outra vez.

— Nunca disse nada a ninguém — assegurei-lhe.

— Não achei que o tivesses feito. O Calvin diz que o Eric é uma espécie de chefe vampiro — disse Jason, esperando conseguir mudar de assunto.

Não discutia política vampira com elementos externos. Não era aconselhável. Mas Jason e Michele tinham partilhado coisas comigo e quis retribuir.

— Tem algum poder. Mas tem um superior novo e a situação anda delicada.

— Queres falar disso? — Percebia que ouvir o que tivesse para dizer provocaria alguma insegurança a Jason. Mas esforçava-se muito para ser um bom irmão.

— É melhor não — respondi, percebendo o seu alívio. Até Mi-

chele ficou feliz por poder voltar a concentrar-se no bife. — Além da necessidade de lidar com outros vampiros, as coisas com o Eric estão a correr bem. Há sempre cedências que é preciso fazer nas relações, não é? — Apesar de Jason ter tido dezenas de relacionamentos ao longo dos anos, as cedências eram uma novidade recente.

— Voltei a falar com o Hoyt — disse Jason. Compreendi a pertinência. Hoyt, a sombra de Jason durante anos, afastara-se por algum tempo. A sua noiva, Holly, que trabalhava comigo no *Merlotte's*, não era grande fã do meu irmão. Surpreendeu-me ver que tinha recuperado o seu melhor amigo e surpreendeu-me ainda mais que Holly tivesse aprovado a reaproximação. — Mudei muito, Sookie — continuou, como se (para variar) tivesse sido ele a ler-me a mente. — Quero ser um bom amigo para o Hoyt. E quero ser um bom namorado para a Michele. — Olhou-a com seriedade, cobrindo-lhe a mão com a sua. — E quero ser um melhor irmão. Somos tudo o que resta. Além das fadas, as quais preferia esquecer. — Baixou o olhar para o prato, embaraçado. — Custa-me a crer que a avó tenha traído o avô.

— Cheguei a uma conclusão a esse respeito — disse. Esforçara-me para aceitar. — A avó queria muito ter filhos e isso não aconteceria com o avô. Pensei que poderia ter sido encantada pelo Fintan. As fadas são capazes de nos mexer nas ideias como fazem os vampiros. E sabes como são bonitas.

— A Claudine era. E, para uma mulher, calculo que o Claude também tenha muito bom aspecto.

— A Claudine continha-se porque tentava passar por humana. — Claudine, trigêmea de Claude, fora uma beldade desarmante com um metro e oitenta.

Jason disse:

— O avô não tinha grande aparência.

— É verdade. — Olhámo-nos, reconhecendo em silêncio o poder da atracção física. Depois, dissemos em simultâneo:

— A avó!

Não conseguimos evitar rir. Michele esforçou-se para manter uma cara séria, mas acabou por sorrir connosco. Era suficientemente difícil imaginar os nossos pais a fazer sexo. Os avós? Completamente errado.

— A propósito da avó, tenho pensado em pedir-te se posso ficar com aquela mesa que ela mandou levar para o sótão — disse Jason. — A que costumava estar na sala ao lado da poltrona?

— Claro. Passa por lá e leva-a quando quiseres — respondi. — É provável que continue exactamente onde a puseste no dia em que te pediu para a levares.

Parti pouco depois com o tacho de puré quase vazio, parte da carne que sobrou e um coração mais leve.

Não achara que jantar com o meu irmão e com a sua namorada pudesse ser importante, mas, quando cheguei a casa nessa noite, pela primeira vez em semanas, adormeci e só acordei de manhã.



MARÇO

A Quarta Semana

Pronto — disse Sam. Quase não consegui ouvi-lo. Alguém tinha posto a canção *Bad Things* de Jace Everett a tocar e todos no bar cantavam. — É a terceira vez que sorris esta noite.

— Estás a contar as minhas expressões? — Pousei o tabuleiro e olhei-o. Sam, o meu patrão e amigo, era um metamorfo puro. Supunha que conseguisse transformar-se em qualquer coisa de sangue quente. Nunca lhe perguntara acerca de lagartos, cobras e insectos.

— É bom voltar a ver esse sorriso — disse. Ajeitou algumas garrafas na prateleira, apenas para parecer ocupado. — Senti-lhe a falta.

— É bom sentir vontade de sorrir — repliquei. — A propósito, gosto do corte de cabelo.

Sam passou uma mão insegura pela cabeça. Tinha o cabelo curto e fazia lembrar uma touca loura arruivada sobre o escalpe.

— O Verão não tarda. Achei que seria mais fresco.

— É provável que seja.

— Já começaste a apanhar sol? — O meu bronzado era famoso.

— Claro. — Aliás, começara particularmente cedo naquela Primavera. No primeiro dia em que vesti o fato de banho, as coisas não correram nada bem. Matei uma fada. Mas isso pertencia ao passado. Deitara-me ao sol no dia anterior e nada acontecera. Apesar de não ter levado o rádio para fora por querer ouvir algo que tentasse aproximar-se sorratamente. Mas não aconteceu. Passei uma hora muito

tranquila ao sol, observando borboletas que esvoaçavam ocasionalmente por perto. Uma das roseiras da minha trisavó floria e o aroma sarou qualquer coisa dentro de mim. — O sol faz-me sentir muito bem — disse. De repente, recordei que os *fae* me tinham explicado que descendia de fadas do céu e não da água. Não sabia nada sobre o assunto, mas pensei se o meu amor pelo sol seria genético.

Antoine gritou:

— Pratos prontos!

Apresssei-me a ir buscá-los. Antoine adaptara-se ao *Merlotte's* e todos esperávamos que se mantivesse como cozinheiro. Naquela noite, movia-se na pequena cozinha como se tivesse oito braços. A ementa do *Merlotte's* era muito básica: hambúrgueres, tiras de frango, salada com tiras de frango misturadas, batatas fritas com chili, *pickles* fritos. Mas Antoine fazia tudo com uma velocidade espantosa. Tendo passado dos cinquenta anos, saíra de Nova Orleães depois de se refugiar no Superdome durante o Katrina. Respeitava-o pela sua atitude positiva e pela determinação em recomeçar depois de perder tudo. Também era simpático para D'Eriq, que o ajudava com a comida e também servia ocasionalmente às mesas. Era uma doçura, mas lento.

Holly trabalhava nessa noite e, nos intervalos entre levar bebidas e pratos, aproximava-se de Hoyt Fortenberry, o seu noivo, empoleirado sobre um banco junto ao balcão. A mãe de Hoyt mostrara-se disposta a cuidar do filho de Holly nas noites em que Hoyt queria estar com ela. Era difícil olhá-la e reconhecer a wiccan gótica sisuda que fora noutra fase da sua vida. O cabelo retomara o castanho-escuro natural e crescera quase até aos ombros. A maquilhagem era ligeira e sorria muito. Hoyt, restituído à posição de melhor amigo do meu irmão depois de terem resolvido as suas divergências, parecia mais forte agora que tinha Holly para o apoiar.

Olhei Sam, que acabara de atender o telemóvel. Passava muito tempo ao telefone por aqueles dias e desconfiei que estaria também envolvido com alguém. Poderia descobrir se lhe entrasse na cabeça durante tempo suficiente (apesar de as mentes de dupla natureza serem mais difíceis de ler do que as de humanos comuns), mas tentava manter-me distante dos seus pensamentos. Era indelicado vasculhar as ideias de gente de quem gostava. Sam sorria enquanto falava e era bom vê-lo parecer despreocupado, pelo menos temporariamente.

— Tens visto o vampiro Bill? — perguntou Sam enquanto o ajudava a fechar, uma hora depois.

— Não. Não o vejo há muito tempo — respondi. — Não sei se andará a evitar-me. Fui a casa dele umas duas vezes e deixei-lhe seis garrafas de *TrueBlood* e uma nota a agradecer tudo o que fez quando veio salvar-me, mas nunca ligou nem veio visitar-me.

— Esteve aqui há um par de noites quando estavas de folga. Acho que devias visitá-lo — disse Sam. — Não digo mais nada.



MARÇO

O Fim da Quarta Semana

Numa bela noite perto do fim dessa semana, vasculhava o meu armário à procura da maior lanterna que tinha. A sugestão de Sam de que precisava de ver Bill roera-me e, por isso, depois de chegar a casa do trabalho, decidi atravessar o cemitério para ir à sua casa.

O Cemitério Sweet Home é o mais velho do condado de Renard. Não resta muito espaço para sepulturas e isso motivou a construção de um daqueles «parques cemitério» modernos no Sul da cidade. Odeio-o. Mesmo que o terreno seja irregular, que as árvores pareçam desordenadas e que algumas das cercas à volta dos talhões corram o risco de desabar, tal como sucede com as lápides mais antigas, adoro o Sweet Home. Jason e eu brincávamos ali em miúdos, sempre que conseguíamos escapar ao olhar da nossa avó.

Recordava muito bem o caminho entre as pedras e as árvores do tempo em que Bill fora o meu primeiro namorado. As rãs e os insectos iniciavam o seu coro estival e o ruído aumentaria quando o tempo aquecesse mais. Lembrei-me de ouvir D'Eriq perguntar se não me assustava viver ao lado de um cemitério e sorri. Não receava os mortos sepultados. Os mortos que se moviam e falavam eram muito mais perigosos. Cortara uma rosa para deixar na sepultura da minha avó. Tinha a certeza de que saberia que eu estivera ali e que pensara nela.

Via-se uma luz ténue na velha casa dos Compton, construída

aproximadamente no mesmo período que a nossa. Toquei à campainha. A não ser que Bill vagueasse pela floresta, sabia que estaria em casa porque vi o seu carro. Mas tive de esperar algum tempo até a porta ser aberta, rangendo.

Acendeu a luz do alpendre e tentei conter o horror. Estava com péssimo aspecto.

Fora envenenado com prata durante a Guerra dos Fae graças aos dentes revestidos de Neave. Tinha recebido quantidades massivas de sangue depois disso e os seus amigos vampiros continuavam a contribuir, mas notei com algum desconforto que a sua pele continuava cinzenta em vez de branca. Os passos eram vacilantes e a cabeça pendia um pouco para diante como a de um velho.

— Entra, Sookie — disse. Até a voz parecia mais débil do que fora.

Apesar de as palavras serem delicadas, não consegui perceber como reagia realmente à minha visita. Não consigo ler mentes de vampiro. Foi esse um dos motivos iniciais da minha atracção por Bill. Conseguirão imaginar como será inebriante o silêncio depois de anos a ouvir pensamentos involuntariamente partilhados.

— Bill — disse, tentando soar menos chocada do que me sentia. — Sentes-te melhor? O veneno no teu corpo... desaparece?

Quase juraria que o ouvi suspirar. Gesticulou-me que o seguisse até à sala. Os candeeiros estavam desligados. Acendera velas. Contei oito. Pensei no que faria, sentado sozinho com uma luz tão fraca. Ouviria música? Adorava a sua colecção de CDs, sobretudo Bach. Sentindo-me francamente preocupada, sentei-me no sofá. Bill ocupou a sua cadeira preferida do outro lado da mesinha de café baixa. Era tão belo como sempre, mas faltava expressividade à sua cara. Era notório que sofria. Percebia agora porque Sam sugerira que o visitasse.

— Estás bem? — perguntou.

— Estou muito melhor — respondi com cuidado. Vira-me no meu pior estado.

— As cicatrizes, a... mutilação?

— As cicatrizes estão cá, mas estão muito mais ténues do que esperava ser possível. Os pedaços em falta voltaram a preencher-se. Fiquei com uma cova nesta coxa — disse, tocando o joelho esquerdo. — Ainda tenho coxa de sobra. — Tentei sorrir, mas, na verdade, sentia-me demasiado preocupada para conseguir. — E tu? Sentes-te melhor? — voltei a perguntar, hesitante.

— Não estou pior — respondeu. Encolheu os ombros num gesto mínimo.

— Qual é o motivo da apatia? — perguntei.

— Sinto que já não desejo nada — explicou Bill, após uma pausa longa. — Já não me interessa pelo computador. Não sinto vontade de trabalhar nas necessárias adições e subtrações à minha base de dados. Eric manda Felicia para embalar as encomendas e enviá-las. Dá-me algum sangue enquanto aqui está. — Felicia era a empregada de bar no *Fangtasia*. Não fora transformada há muito.

Os vampiros poderiam sofrer depressões? Ou a culpa seria da prata?

— Não há ninguém que te possa ajudar? Que possa ajudar a curar-te?

Esboçou um sorriso sardónico.

— A minha criadora — disse. — Se pudesse beber o sangue de Lorena, teria sarado por completo.

— Que porcaria. — Não podia dar-lhe a entender que me incomodava, mas atingiu-me em cheio. Matara Lorena. Afastei o desconforto. Merecera a morte e não havia nada a fazer. — Criou outros vampiros?

Bill pareceu ligeiramente menos apático.

— Sim. Outra vampira que permanece viva.

— Não poderia ajudar? Se bebesses o seu sangue?

— Não sei. Talvez. Mas não... Não conseguirei contactá-la.

— Não sabes se ajudaria ou não? Acho que os vampiros precisam de um livro de instruções.

— Sim — replicou, como se desconhecesse o conceito. — É verdade.

Não perguntaria porque se sentia relutante para contactar alguém que poderia ajudá-lo. Era teimoso e persistente e não conseguiria persuadi-lo a mudar de ideias. Permaneceu em silêncio por um momento.

— O que sentes por Eric é amor? — perguntou, subitamente. Os seus olhos castanhos profundos fixavam-se em mim com a atenção total que contribuíra tanto para me atrair quando nos conhecemos.

Todos os meus conhecimentos estariam obcecados pelo meu relacionamento com o xerife da Área Cinco?

— Sim — respondi, com determinação. — Amo-o.

— Ele diz que te ama?

— Sim. — Não afastei o olhar.

— Nalgumas noites, desejo a sua morte — disse Bill.

Estávamos numa noite de sinceridade completa.

— Há muita gente a desejar coisas parecidas. Eu própria também não choraria uma ou duas mortes — admiti. — Ocorre-me quando choro pelas pessoas de quem gostava que morreram, como a Claudine, a minha avó e o Tray. — E eram apenas os primeiros elementos na lista. — Acho que percebo como te sentes. Mas... por favor, não desejes mal ao Eric. — Não conseguia suportar perder mais gente importante na minha vida.

— A quem desejas a morte, Sookie? — Havia uma centelha de curiosidade nos seus olhos.

— Não te vou dizer. — Sorri brevemente. — Podes tentar concretizar-me o desejo. Como fizeste com o meu tio Bartlett. — Quando descobri que Bill tinha matado o irmão da minha avó por me ter molestado, devia ter-me afastado. A minha vida teria sido diferente? Não podia voltar atrás.

— Mudaste — disse-me.

— Claro que sim. Passei um par de horas a achar que ia morrer. Senti dores que nunca tinha sentido antes. E a Neave e o Lochlan apreciaram tanto o que me faziam. Isso destruiu alguma coisa dentro de mim. Quando tu e o Niall os mataram, foi como uma resposta à minha maior oração. É suposto ser cristã, mas, na maior parte dos dias, nem sequer percebo se posso continuar a dizê-lo. Resta-me muita raiva. Quando não consigo dormir, penso em todos os que não se importaram com a dor e os problemas que me provocaram. E penso em como me sentiria bem se morressem.

O facto de poder partilhar com Bill aquele segredo horrível demonstrava a confiança que sentia.

— Amo-te — disse. — Nada que digas ou faças o alterará. Se me pedisses para te sepultar um cadáver... ou para criar um cadáver... fá-lo-ia sem hesitar.

— Temos coisas desagradáveis no nosso passado, Bill, mas terás sempre um lugar especial no meu coração. — Senti uma pontada desagradável quando a frase forçada me saiu da boca. Por vezes, os clichés eram verdadeiros. — Quase não me sinto digna de tanto afecto — admiti.

Conseguiu sorrir.

— Quanto a seres digna, acho que a paixão não terá muito a ver com o merecimento do destinatário. Mas rejeito a tua afirmação. Acho

que és uma grande mulher e parece-me que tentas sempre ser a melhor pessoa possível. Ninguém conseguiria ser... despreocupado e alegre... depois de ver a morte tão perto como tu.

Ergui-me para sair. Sam quis que visse Bill para compreender o seu estado e tinha-o feito. Quando Bill se levantou para me acompanhar à porta, notei que não se movia com a velocidade surpreendente de outrora.

— Vais sobreviver, não vais? — perguntei-lhe, subitamente assustada.

— Penso que sim — respondeu, como se não lhe importasse. — Seja como for, beija-me.

Rodeei-lhe o pescoço com um braço, o braço que não estava carregado com a lanterna, e permiti-lhe que encostasse os lábios aos meus. O seu toque, o seu cheiro despertaram muitas memórias. Pareceu-me que permanecemos unidos durante muito tempo, mas, em vez de me excitar, acalmou-me. Sentia-me estranhamente consciente da minha respiração lenta e regular, quase como a respiração de alguém que dormia.

Quando me afastei, percebi que Bill parecia melhor. Arqueei as sobrancelhas.

— O teu sangue de fada ajuda-me — disse.

— Tenho apenas um oitavo de fada. E não o bebeste.

— Proximidade — disse, brevemente. — O toque da pele na pele.

— Os seus lábios formaram um sorriso. — Se fizéssemos amor, ficaria muito mais próximo da cura.

«Treta», pensei. Mas não podia negar que aquela voz fria provocava reacções a sul do meu umbigo num momento de breve luxúria.

— Não vai acontecer, Bill — disse-lhe. — Mas devias pensar em localizar a outra vampira criada pela Lorena.

— Sim — replicou. — Talvez. — Os seus olhos escuros estavam curiosamente luminosos. Poderia ser efeito do envenenamento ou o reflexo das velas. Sabia que não tentaria encontrar a outra criação de Lorena. A centelha avivada pela minha visita esmorecia.

Sentindo-me triste, preocupada e também com uma pontada de agrado (ninguém me convencerá de que não será motivo de agrado ser-se assim tão amada), atravessei o cemitério de volta a casa. Passei a mão pela pedra tumular de Bill por hábito. Enquanto caminhava com cuidado sobre o terreno irregular, pensava em Bill, claro. Lutara pela Confederação. Sobrevivera à guerra para sucumbir a uma vampira de-

pois de voltar para a mulher e para os filhos. Um fim trágico para uma vida dura.

Voltei a sentir-me agradada por ter matado Lorena.

Não gostava disto em mim: percebi que não me sentia mal por matar um vampiro. Havia algo a insistir mentalmente que já estavam mortos e que a primeira morte fora a mais importante. Quando matara uma humana que desprezava, a reacção fora muito mais intensa.

A seguir pensei: «Seria de esperar que ficasse feliz por evitar mais dor em vez de achar que devia sentir-me mal por ter eliminado a Lorena.» Odiava tentar perceber o que era melhor a nível moral porque, com tanta frequência, não era o que se enquadrava com o meu instinto.

Resumindo a reflexão, tinha matado Lorena, que poderia curar Bill. Bill fora ferido quando veio em meu socorro. Claramente, tinha responsabilidades. Tentei perceber o que fazer.

Quando me apercebi de que estava sozinha na escuridão, devendo sentir-me aterrorizada (de acordo com D'Eriq, pelo menos), chegava já ao meu quintal bem iluminado. Talvez a preocupação com a minha vida espiritual fosse uma variação bem-vinda depois da recordação constante da tortura. Ou talvez me sentisse melhor por ter feito uma boa acção. Abraçara Bill e isso fizera-o sentir-se melhor. Quando me deitei nessa noite, pude deitar-me de lado, na minha posição preferida, em vez de dar voltas sem fim. E dormi um sono tranquilo e sem sonhos. Pelo menos, sem sonhos que recordasse quando a manhã chegou.

Durante a semana que se seguiu, o sono descansado continuou e, como resultado, comecei a sentir que me aproximava muito mais do meu estado normal. Era gradual, mas perceptível. Não pensara numa forma de ajudar Bill, mas comprei-lhe um CD novo (Beethoven) e deixei-o onde o encontraria quando saísse do seu esconderijo diurno. Noutro dia, enviei-lhe um cartão electrónico. Só para que soubesse que pensava nele.

De cada vez que via Eric, sentia-me um pouco mais animada. E, por fim, tive um orgasmo, um momento tão explosivo que foi como se o tivesse poupado para um dia especial.

— Estás... bem? — perguntou-me. Os seus olhos azuis fixavam-se em mim e quase sorria, como se não soubesse se devia aplaudir ou chamar uma ambulância.

— Estou muito, muito óptima — sussurrei, mandando a gramática às urtigas. — Estou tão bem que posso escorrer da cama abaixo e formar uma poça no chão.

O seu sorriso tornou-se mais seguro.

— Então foi bom para ti? Melhor do que tem sido?

— Sabias...?

Ergueu uma sobrancelha.

— Sim. Claro que sabias. É que... tinha alguns problemas que precisavam de se resolver.

— Sabia que o problema não podia ser da forma como faço amor, esposa — disse Eric. Apesar da arrogância das palavras, havia alívio na sua expressão.

— Não me chames esposa. Sabes que o nosso suposto casamento não passa de uma estratégia. Voltando à afirmação anterior, a forma como fazes amor é exemplar, Eric. — Tinha de reconhecer o mérito devido. — O problema da ausência de orgasmos estava na minha cabeça. Corrige-o.

— Não me estás a dizer tudo, Sookie — murmurou. — Mas vou voltar a mostrar-te a minha forma exemplar de fazer amor. Porque acho que poderás vir-te novamente.

E estava certo.



1

ABRIL

Adoro a Primavera por todas as razões óbvias. Adoro as flores (que surgem cedo aqui no Louisiana). Adoro o canto dos pássaros. Adoro os esquilos que atravessam o meu quintal a correr. Adoro o som dos lobisomens uivando à distância.

Não, estava a brincar. Mas o falecido e saudoso Tray Dawson contou-me um dia que a Primavera era a estação preferida dos lobisomens. Há mais presas e as caçadas terminavam rapidamente, deixando mais tempo para comer e para se divertirem. Porque pensava em lobisomens, não me surpreendeu ter notícias de um.

Nessa manhã soalheira a meio de Abril, sentava-me no alpendre da frente com a minha segunda chávena de café e uma revista, vestindo ainda as calças do pijama e a minha camisola de manga curta da Supermulher, quando o líder da alcateia de Shreveport me ligou para o telemóvel.

— Hmm... — murmurei ao reconhecer o número. Atendi. — Está? — disse, com cautela.

— Sookie — disse Alcide Herveaux. Não o via há meses. Ascendera à posição de líder da alcateia no ano anterior. Acontecera numa noite caótica. — Como te sentes?

— Óptima — respondi, quase sincera. — Animada. Fina. — Vi um coelho saltitar sobre a relva a uns seis metros de distância. Primavera.

— Continuas com o Eric? É ele o motivo da boa disposição?
Todos queriam saber.

— Continuo com o Eric. Contribui para a boa disposição. — Na verdade, como Eric insistia em dizer, «estar com» era uma expressão enganadora. Apesar de não me considerar casada, já que apenas lhe entregara uma faca cerimonial (Eric aproveitara a minha ignorância na sua estratégia), os vampiros consideravam que assim era. Um casamento entre um vampiro e uma humana não era como união entre humanos que deviam «amar-se e respeitar-se até que a morte os separe», mas Eric esperara que o casamento me valesse alguns trunfos no mundo vampiro. Desde então, as coisas tinham corrido bastante bem com os vampiros. Além do pormenor incontornável de Victor não ter permitido que Eric viesse em meu auxílio quando corria risco de vida. O mesmo Victor que precisava realmente de morrer.

Afastei os pensamentos desse rumo sombrio com a determinação reforçada por uma longa experiência. Sucesso. Passava a sair da cama com o meu antigo vigor em quase todas as manhãs. Conseguira mesmo ir à igreja no domingo anterior. Era positivo!

— Que se passa, Alcide? — perguntei.

— Tenho um favor para te pedir — disse Alcide, não conseguindo surpreender-me por completo.

— Que posso fazer por ti?

— Podemos usar a tua propriedade para a nossa caçada à lua cheia amanhã à noite?

Forcei-me a fazer uma pausa para pensar no pedido em vez de responder automaticamente que sim. Aprendia com a experiência. Tinha o terreno aberto de que os lobisomens precisavam. Não seria esse o problema. Era proprietária de uns oito hectares à volta da casa, apesar de a minha avó ter vendido a maior parte da quinta original quando se viu confrontada com o fardo financeiro de me criar a mim e ao meu irmão. Apesar de o Cemitério Sweet Home ocupar um pedaço de terra entre a minha casa e a de Bill, haveria espaço suficiente, sobretudo se Bill autorizasse também o acesso à sua propriedade. Recordava que a alcateia já lá estivera noutra ocasião.

Revolvi a ideia para a observar de todos os ângulos. Não conseguia ver nenhum problema óbvio.

— Serão muito bem-vindos — disse-lhe. — Acho que devias pedir também ao Bill Compton. — Bill não reagira a nenhuma das minhas pequenas manifestações de preocupação.

Os vampiros e os lobisomens não sentiam qualquer inclinação para serem amigos, mas Alcide era um homem prático.

— Ligar-lhe-ei esta noite — disse. — Tens o número dele?

Dei-lho.

— Porque não vão para as tuas terras, Alcide? — perguntei, apenas por curiosidade. Contara-me em conversa de circunstância que a alcateia do Dente Longo celebrava a lua cheia na quinta dos Herveaux a sul de Shreveport. A maior parte da propriedade permanecia coberta de floresta para as caçadas.

— O Ham ligou-me hoje para me dizer que há um pequeno grupo de unos acampados junto ao ribeiro. — «Unos», os de natureza única. Era o que os lobisomens de dupla natureza chamavam aos humanos. Conhecia Hamilton Bond de vista. A sua quinta era adjacente à dos Herveaux e Ham cultivava alguns hectares para Alcide. A família Bond pertencia à alcateia do Dente Longo há tanto tempo como os Herveaux.

— Pediram-te autorização para acampar? — perguntei.

— Disseram ao Ham que o meu pai os autorizou a pescar lá na Primavera e não acharam que tivessem de me pedir. Pode ser verdade. Mas não me lembro deles.

— Mesmo que seja verdade, é muito indelicado. Deviam ter-te ligado — referi. — Deviam ter perguntado se não era inconveniente. Queres que fale com eles? Posso descobrir se mentem. — Jackson Herveaux, o falecido pai de Alcide, não parecera o tipo de homem que autorizasse casualmente que a sua propriedade fosse usada por desconhecidos.

— Não, obrigado, Sookie. Não quero pedir-te outro favor. És amiga da alcateia. Temos de zelar por ti e não o contrário.

— Não te preocupes. Podem vir para aqui. E, se quiseres que vá cumprimentar esses supostos amigos do teu pai, também o posso fazer. — Sentia-me curiosa acerca da sua visita à quinta dos Herveaux tão perto da lua cheia. Curiosa e desconfiada.

Alcide disse-me que pensaria na situação dos pescadores e agradeceu-me umas seis vezes por dizer que sim.

— Não incomodam nada — disse, esperando dizer a verdade. Eventualmente, Alcide achou que me tinha agradecido vezes suficientes e terminámos a conversa.

Entrei com a chávena de café. Não percebi que sorria até me ver no espelho da sala. Admiti a mim própria que estava ansiosa pela che-

gada dos lobos. Seria agradável sentir que não estava sozinha no meio da floresta. Patético, não?

Mesmo que me agradassem as poucas noites que passávamos juntos, Eric continuava a dedicar muito tempo a resolver assuntos de vampiros. Começava a cansar-me um pouco. Mais que um pouco, na verdade. Se era o chefe, devia ter direito a tirar uns dias de folga, não? Era uma das vantagens da posição.

Mas passava-se algo com os vampiros. Os sinais eram-me miseravelmente familiares. O novo regime deveria estar já firmemente implementado e Eric deveria ter consolidado o seu papel na nova hierarquia. Victor Madden deveria estar muito ocupado em Nova Orleães com a gestão do reino, já que era o representante de Felipe no Louisiana. Eric deveria poder gerir a Área Cinco com a eficiência costumeira.

Mas havia um brilho duro nos olhos azuis de Eric quando ouvia o nome de Victor. Talvez se passasse o mesmo com os meus olhos. Na situação presente, Victor tinha autoridade sobre Eric e não podíamos fazer grande coisa a esse respeito.

Perguntara-lhe se achava que Victor se poderia dizer insatisfeito com o seu desempenho na Área Cinco. Era uma possibilidade aterradora.

— Guardo documentação que prova o contrário — respondeu Eric. — E guardo-a em mais do que um local. — As vidas de todos os seguidores de Eric e talvez a minha dependiam da solidez da posição de Eric no novo regime. Sabia que muita coisa dependia da capacidade de Eric para tornar a sua posição inexpugnável e soube que não devia lamuriar-me. Nem sempre era fácil forçar-me a sentir o que sabia que deveria sentir.

Ou seja, ouvir uivos à volta da casa seria uma variação apetecível. Seria, pelo menos, algo novo e diferente.

Quando fui trabalhar nesse dia, contei a Sam o telefonema de Alcide. Os metamorfos puros são raros. Porque não havia outros na nossa região, Sam passava tempo ocasionalmente com outras criaturas de dupla natureza.

— Ei, porque não vens também? — sugeri. — Podias transformar-te num lobo já que és um metamorfo puro, não é? E conseguirias integrar-te no grupo.

Sam recostou-se na sua velha cadeira giratória, grato pelo pretexto para deixar de preencher recibos. Tinha trinta anos. Três anos mais velho do que eu.

— Tenho saído com alguém da alcateia. Talvez seja divertido — disse, ponderando a ideia. Mas abanou a cabeça após um momento. — Seria como ir a uma reunião da NAACP¹ com a cara pintada de preto. Uma imitação. Foi por isso que nunca me juntei às panteras, mesmo que Calvin me tivesse dito que seria bem-vindo.

— Ah — disse, sentindo-me envergonhada. — Não tinha pensado nisso. Desculpa. — Pensei em quem seria a lobisomem com que estava envolvido, mas não me dizia respeito.

— Não faz mal.

— Conheço-te há anos e devia saber mais sobre ti — disse. — Sobre a tua cultura.

— A minha família ainda aprende. Sabes mais do que eles.

Sam assumira-se ao mesmo tempo que os lobisomens. A sua mãe fizera-o na mesma noite. A família passara por um mau bocado para lidar com a revelação. Aliás, o padrasto de Sam atingira a mãe a tiro e estavam a divorciar-se. Não surpreendia.

— O casamento do teu irmão voltou a ter data marcada? — perguntei.

— O Craig e a Deidra estão a ter acompanhamento psicológico. Os pais dela estão muito incomodados por ter casado com alguém de uma família que inclui gente como eu e a minha mãe. Não compreendem que os filhos que tenham não poderão transformar-se em animais. Isso estará reservado apenas aos primogénitos de um casal metamorfo puro. — Encolheu os ombros. — Mas acho que se vão safar. Espero que marquem uma nova data. Continuas disposta a vir comigo?

— Claro — respondi, apesar da pontada desagradável ao imaginar que teria de dizer a Eric que sairia do estado com outro homem. Quando prometi a Sam que iria, a situação entre nós ainda não tinha evoluído para uma relação. — Achas que levar uma lobisomem como teu par ofenderia a família da Deidra?

— Para ser sincero — começou Sam —, a Grande Revelação não correu tão bem em Wright como em Bon Temps.

Sabia pelo noticiário local que Bon Temps tivera sorte. Os residentes limitaram-se a pestanejar de surpresa quando os lobisomens e restantes criaturas de dupla natureza anunciaram a sua existência, copiando o que tinham feito os vampiros.

¹ National Association for the Advancement of Colored People (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor).

— Mantém-me informada acerca dos desenvolvimentos — pedi.
— E vem a minha casa amanhã se mudares de ideias quanto ao convívio com a alcateia.

— O líder da alcateia não me convidou — disse Sam, sorrindo.

— A proprietária da terra sim.

Não voltámos a discutir o assunto durante o resto do meu turno e calculei que Sam encontraria outra coisa para fazer durante a lua cheia. A transformação mensal durava três noites. Eram três noites em que todas as criaturas de dupla natureza se dirigiam para a floresta (ou para as ruas), se pudessem, na sua forma animal. A maioria dos duplos (os que nasceram com aquela condição) consegue transformar-se também noutros períodos, mas a lua cheia... é especial para todos eles, incluindo para os que adquiriram a sua segunda natureza por terem sido mordidos. Ouvira dizer que havia uma droga que podiam tomar e que era capaz de suprimir a transformação. Os lobisomens militares, entre outros, viam-se forçados a usá-la. Mas todos odiavam fazê-lo e, aparentemente, não eram fáceis de suportar durante essas noites.

Felizmente para mim, o dia seguinte era um dos meus dias de folga nessa semana. Se tivesse de fazer o trajecto do bar para casa muito tarde, a curta viagem de carro poderia tornar-se um pouco enervante com os lobos à solta. Não percebia ao certo que percentagem da sua consciência humana permanecia quando se transformam e nem todos os membros da alcateia de Alcide eram meus amigos. Porque estava em casa, pensar em ser anfitriã dos lobisomens não me preocupava grandemente. Quando as visitas vinham caçar na floresta, não era necessário fazer quaisquer preparativos. Não era preciso cozinhar nem limpar a casa.

No entanto, receber visitas era um bom pretexto para levar a cabo algumas tarefas no quintal. Porque o dia estava novamente lindo, vesti um dos meus biquínis, calcei ténis e luvas e deitei mãos à obra. Ramos, folhas e pinhas arderam num latão, juntamente com as pontas aparadas dos arbustos. Certifiquei-me de que todas as ferramentas estavam arrumadas na arrecadação antes de a trancar. Enrolei a mangueira que usara para regar os vasos de plantas que dispusera à volta dos degraus do alpendre traseiro. Verifiquei o fecho do grande contentor de lixo. Tinha-o comprado especificamente para impedir o acesso dos mapaches, mas um lobo também poderia interessar-se.

Passei uma tarde agradável, apanhando sol, cantando desafinada sempre que sentia vontade.

Os carros começaram a chegar com o ocaso. Fui à janela. Vi que os lobisomens tinham sido suficientemente conscienciosos para partilharem os carros. Havia várias pessoas em cada veículo. Mesmo assim, o caminho de acesso ficaria bloqueado até o nascer do sol. «Ainda bem que planeei ficar em casa», pensei. Conhecia alguns dos membros da alcateia e reconheci outros de vista. Hamilton Bond, que fora criado com Alcide, chegou na sua carrinha e deixou-se ficar sentado no interior, falando ao telemóvel. O meu olhar foi atraído por uma jovem magra e garrida que apreciava roupas vistosas do tipo que costumava classificar como «roupas MTV». Reparara nela pela primeira vez no bar *Hair of the Dog* em Shreveport e fora encarregue de executar inimigos feridos depois de a alcateia de Alcide ter vencido a Guerra dos Lobisomens. Achava que o seu nome era Jannalynn. Também reconheci duas mulheres que integraram a alcateia inimiga. Tinham-se rendido no fim do confronto e juntaram-se aos seus antigos inimigos. Também se rendeu um rapaz, mas poderia ser qualquer um entre as dúzias de homens que se moviam incessantemente pelo meu quintal.

Finalmente, Alcide chegou na carrinha que tão bem conhecia. Havia mais duas pessoas na cabina.

Alcide era alto e encorpado, como era costume entre os lobisomens. Era também um homem atraente. Tinha cabelo negro e olhos verdes e, claro, era muito forte. Habitualmente, mostrava-se delicado e cordato, mas tinha um lado duro inegável. Ouvira rumores a Sam e Jason que, desde que ascendera à posição de líder da alcateia, esse lado duro era exercitado com frequência. Notei que Jannalynn fez um esforço especial para estar junto à porta da carrinha quando Alcide saiu.

A mulher que saiu depois dele rondaria os vinte e muitos anos e tinha ancas sólidas. O cabelo castanho estava preso atrás e o top de camuflado permitia-me perceber que era musculada. Nesse momento, a Camuflada olhava em redor como se fizesse uma avaliação fiscal do quintal. O homem que saiu pela outra porta era um pouco mais velho e muito mais duro.

Por vezes, mesmo quando não se é telepata, é possível perceber que um homem teve uma vida difícil apenas com o olhar. Era o caso daquele homem específico. A forma como se movia dizia-me que esperava problemas. Interessante.

Observei-o porque precisava de ser observado. Tinha cabelo castanho-escuro pelos ombros, que esvoaçava à volta da cabeça numa

nuvem de caracóis. Dei comigo a invejá-lo. Sempre quisera que o meu cabelo fizesse o mesmo.

Depois de ultrapassada a inveja capilar, notei que a sua pele tinha a tonalidade do gelado de café. Não sendo tão alto como Alcide, tinha ombros largos e um corpo musculado e pleno de agressividade.

Se tivesse um detector de rufias instalado no caminho de tijolos que conduzia ao alpendre da frente, teria soado depois de o Caracóis o pisar. «Muito cuidado, rapariga», disse em voz alta. Nunca os vira antes. Hamilton Bond saiu da carrinha e aproximou-se do pequeno grupo, mas não subiu os degraus do alpendre para se erguer ao lado de Alcide, Caracóis e Camuflada. Manteve-se para trás. Jannalynn juntou-se a ele. A alcateia do Dente Longo parecia enriquecer as suas fileiras e reorganizar a ordem hierárquica.

Quando abri a porta depois de baterem, invoquei o meu sorriso de anfitriã. O biquíni teria transmitido a mensagem errada («Está disponível! Que delícia.») e vestira uns calções de ganga e uma camisola do *Fangtasia*. Empurrei a porta de rede.

— Alcide — disse-lhe, sentindo-me verdadeiramente grata por voltar a vê-lo. Trocámos um abraço breve. Pareceu-me muito quente, já que os meus abraços anteriores tinham sido com Eric, cujo corpo não atingia a temperatura ambiente. Senti uma espécie de solavanco emocional e percebi que, apesar de a Camuflada me sorrir, o abraço não lhe agradara. — Hamilton! — disse. Acenei-lhe com a cabeça por não estar a distância que permitisse abraçá-lo.

— Sookie — começou Alcide —, há alguns membros novos que devo apresentar-te. Esta é Annabelle Bannister.

Nunca conhecera alguém que se parecesse menos com uma «Annabelle» do que aquela mulher. Apertei-lhe a mão, claro, e disse-lhe que me agradava conhecê-la.

— Conheces o Ham e penso que também conhecerás a Jannalynn, não? — disse Alcide, voltando a cabeça de uma para a outra.

Saudei os dois lobisomens ao fundo dos degraus.

— E este é Basim al Saud, o meu novo braço-direito — explicou. Pronunciara «bah-SIMM» e Alcide disse-o como se fosse frequente apresentar-me árabes. Muito bem.

— Prazer, Basim — disse. Estendi a mão. Sabia que um dos significados de braço-direito era: pessoa que assusta toda a gente. E Basim parecia muito qualificado para a função. De forma algo relutante, estendeu-me a mão. Apertei-a, pensando no que conseguiria captar.

Os lobisomens eram frequentemente muito difíceis de ler devido à sua dupla natureza. E, claro, não captei pensamentos específicos, apenas uma amálgama confusa de desconfiança, agressividade e luxúria.

Era estranho que captasse exactamente o mesmo da Annabelle que não parecia uma Annabelle.

— Há quanto tempo estão em Shreveport? — perguntei, educadamente. Movi o olhar de Annabelle para Basim para deixar claro que a pergunta era dirigida aos dois.

— Há seis meses — respondeu Annabelle. — Transferi-me da alcateia Caçador de Veados do Dakota do Sul. — Então estava na força aérea. Estivera colocada no Dakota do Sul e fora transferida para a base da força aérea de Barksdale em Bossier City, ao lado de Shreveport.

— Eu estou aqui há dois meses — explicou Basim. — Começo a gostar. — Apesar da aparência exótica, havia nele apenas um traço ínfimo de sotaque e o seu inglês era muito mais cuidado que o meu. Avaliando apenas pelo corte de cabelo, não integraria as forças armadas.

— Basim deixou a sua alcateia anterior em Houston — explicou Alcide sem demora. — E agrada-nos tê-lo como um de nós. — A primeira pessoa do plural não incluía Ham Bond. Podia não lhe conseguir ler os pensamentos tão claramente como se fosse humano, mas não era um apreciador de Basim. Nem Jannalynn, que parecia olhá-lo com uma mistura de desejo e ressentimento. Havia muita luxúria na alcateia naquela noite. Olhando Basim e Alcide, não era difícil perceber o motivo.

— Divirtam-se esta noite, Basim, Annabelle — disse, antes de olhar Alcide. — Alcide, a minha propriedade estende-se meio hectare para além do ribeiro a este, cerca de dois hectares para sul até à estrada de terra que conduz ao poço de petróleo e até às traseiras do cemitério para norte.

O líder da alcateia acenou afirmativamente.

— Liguei ao Bill ontem à noite e aceitou que entrássemos na sua floresta. Não estará em casa até ao amanhecer e não o incomodaremos. E tu, Sookie? Vais a Shreveport esta noite ou ficarás em casa?

— Ficarei aqui. Se precisarem de mim para alguma coisa, basta baterem à porta. — Sorri a todos.

Annabelle pensou: «Muito pouco provável, lourinha.»

— Podem precisar de telefonar — disse-lhe, sobressaltando-a. — Ou de primeiros socorros. Afinal, Annabelle, nunca se sabe o que

encontrarão. — Apesar de ter começado a sorrir, não havia qualquer sorriso na minha cara quando terminei.

As pessoas deviam esforçar-se para serem simpáticas.

— Obrigado mais uma vez por nos permitires usar a tua propriedade. Vamos para a floresta — disse Alcide, rapidamente. A escuridão crescia com segurança e via os outros lobisomens desaparecerem entre as árvores. Uma das mulheres lançou a cabeça para trás e ganiu. Os olhos de Basim estavam já mais redondos e mais dourados.

— Tenham uma boa noite — disse, recuando e abrindo a porta de rede. Os três lobisomens desceram os degraus. Ouvei a voz de Alcide.

— Disse-te que era telepata. — Dirigia-se a Annabelle enquanto atravessavam a estrada a caminho da floresta, seguidos por Ham. Subitamente, Jannalynn começou a correr para as árvores, ansiosa pela transformação. Mas foi Basim a olhar-me enquanto fechava a porta de madeira. Era o tipo de olhar que alguém lançaria a um animal de jardim zoológico.

E a noite caiu.

Os lobisomens foram uma ligeira desilusão. Não fizeram tanto ruído como julguei que fariam. Permaneci dentro de casa, claro, com as portas e janelas trancadas. E corri as cortinas, o que não era habitual. Afinal, vivia no meio da floresta. Vi um pouco de televisão e li. Um pouco mais tarde, enquanto lavava os dentes, ouvi uivar. Pareceu-me distante, talvez no limite oriental da minha propriedade.

Na manhã seguinte, bem cedo, quando o sol despontava, o ruído dos motores acordou-me. Os lobisomens partiam. Quase me virei para voltar a adormecer, mas percebi que tinha de me levantar para ir à casa de banho. Depois de me ocupar do assunto, senti-me um pouco mais desperta. Percorri o corredor até à sala e espreitei por uma nesga nas cortinas. Vi Ham Bond sair de entre as árvores, parecendo um pouco abalado. Conversava com Alcide. As suas carrinhas eram os únicos veículos que restavam. Annabelle surgiu no momento seguinte.

Enquanto via a luz matinal espalhar-se sobre a relva orvalhada, os três lobisomens atravessaram o quintal lentamente, vestidos como na noite anterior, mas levando os sapatos na mão. Pareciam exaustos mas felizes. Não tinham a roupa ensanguentada, mas havia salpicos na cara e nos braços. A caçada tinha sido bem-sucedida. Senti um arrepio pelo Bambi, mas suprimi-o. Era um pouco diferente de caçar com uma espingarda.

Segundos depois, Basim saiu da floresta. Iluminado pelo sol nascente, parecia uma criatura silvestre, com o cabelo revoltado coberto com pedaços de folha e galho. Havia algo ancestral em Basim al Saud. Não consegui evitar pensar como se teria tornado um lobisomem na Arábia, onde não existiam lobos. Enquanto o olhava, Basim afastou-se dos outros três e veio até ao alpendre. Bateu à porta, com mão lenta e firme.

Contei até dez e abri. Tentei não olhar o sangue. Percebia-se que tinha lavado a cara no ribeiro, mas falhara o pescoço.

— Bom dia, menina Stackhouse — disse Basim, cordialmente. — O Alcide pediu-me para a avisar de que a sua propriedade tem sido atravessada por outras criaturas.

Senti a ruga que se formava na minha testa.

— De que tipo, Basim?

— Pelo menos uma fada — disse. — Possivelmente mais do que uma, mas uma com toda a certeza.

Era incrível por uns seis motivos diferentes.

— Os rastros... ou vestígios... são frescos? Ou têm algumas semanas?

— Muito frescos — respondeu. — E o cheiro a vampiro também é forte. É uma má combinação.

— São notícias desagradáveis, mas precisava de saber. Obrigada por me dizeres.

— E há um cadáver.

Fitei-o, tentando controlar o espanto na expressão. Tinha muita experiência em camuflar o que sentia. Qualquer telepata precisava de conseguir fazê-lo.

— Um cadáver de quando? — perguntei, quando tive a certeza de que a voz estava controlada.

— Talvez tenha um ano e meio. Ou talvez menos. — Basim não dava grande importância à descoberta de um cadáver. Apenas me informava da sua existência. — Está muito distante, sepultado a grande profundidade.

Não disse nada. Bolas. Devia ser Debbie Pelt. Desde que Eric recuperara as suas recordações dessa noite, era algo que nunca lhe tinha perguntado: onde sepultara o cadáver depois de a matar.

Os olhos escuros de Basim examinaram-me com grande atenção.

— O Alcide quer que ligue se precisar de ajuda ou conselho — disse, por fim.

— Diz ao Alcide que aprecio a oferta. E, mais uma vez, obrigada pela informação.

Acenou afirmativamente e dirigiu-se para a carrinha, onde Anabelle se sentava com a cabeça apoiada no ombro de Alcide.

Acenei-lhes quando Alcide rodou a chave na ignição e fechei a porta com firmeza enquanto partiam.

Tinha muito em que pensar.

Fui à cozinha, ansiando pelo meu café e por uma fatia do bolo de maçã que Halleigh Bellefleur tinha deixado no bar no dia anterior. Era uma rapariga simpática e agradava-me saber que esperava um bebé de Andy. Ouvira dizer que a avó de Andy, a velha Sra. Caroline Bellefleur, estava encantada e não duvidei que assim fosse. Tentei pensar em coisas positivas, como o bebé de Halleigh, a gravidez de Tara e a última noite passada com Eric. Mas as notícias perturbadoras transmitidas por Basim roeram-me durante toda a manhã.

Entre tudo o que me passou pela cabeça, ligar para o gabinete do xerife do Condado de Renard foi a ideia que mereceu menos consideração. Não podia explicar-lhes o motivo da minha preocupação. Os lobisomens tinham tornado pública a sua existência e não havia nada ilegal em permitir que caçassem na minha propriedade. Mas não me conseguia imaginar a contar ao xerife Dearborn que um lobisomem me dissera que a minha casa era rondada por fadas.

O problema era este. Tanto quanto sabia até àquele momento, todas as fadas com a excepção do meu primo Claude tinham sido impedidas de entrar no mundo humano. Pelo menos, todas as fadas na América. Nunca pensara no que se passaria nos outros países. Agora, fechava os olhos e a minha estupidez fez-me estremecer. O meu bisavô Niall fechara todos os portais entre o mundo dos *fae* e o nosso. Pelo menos, fora o que me dissera que faria. E presumira que todos tinham

partido, excepto Claude, que vivia entre humanos desde que o conhe-
cera. Porque haveria uma fada a passear-se pela minha floresta?

E a quem poderia pedir conselho naquela situação? Não podia li-
mitar-me a ficar sentada sem fazer nada. O meu bisavô procurara Dermot, o renegado que odiava a sua metade humana, até ao momento em que fechou o portal. Tinha de encarar a possibilidade de Dermot, que era simplesmente louco, ter permanecido no mundo humano. Independentemente da explicação, tinha de acreditar que a proximidade dos *fae* da minha casa não podia ser positiva. Precisava de discutir o assunto com alguém.

Podia falar com Eric, por ser o meu amante, com Sam, por ser meu amigo, ou até com Bill, porque a sua propriedade era vizinha da minha e também ficaria preocupado. Ou poderia falar com Claude, para ver se poderia dizer-me alguma coisa útil. Sentei-me à mesa com o café e a fatia de bolo de maçã, demasiado distraída para ler ou para ouvir as notícias no rádio. Terminei uma chávena e enchi outra. Tomei banho, de forma quase automática, fiz a cama e ocupei-me das tarefas matinais.

Por fim, sentei-me diante do computador que trouxera do aparta-
mento da minha prima Hadley em Nova Orleães e verifiquei o e-mail. Não o fazia de forma metódica. Conhecia muito pouca gente que me pudesse contactar por e-mail e não me habituara a ligar o computador todos os dias.

Tinha várias mensagens. Não reconheci o endereço da primeira. Movi o rato para a seleccionar.

A batida na porta dos fundos fez-me saltar como uma rã.

Empurrei a cadeira. Após hesitar durante um segundo, tirei a ca-
çadeira do armário na sala. A seguir, dirigi-me à porta traseira e espreei-
tei pelo óculo.

— Falando no diabo — murmurei.

O dia era abundante em surpresas e não eram sequer dez da ma-
nhã.

Pousei a caçadeira e abri.

— Claude — disse. — Entra. Queres alguma coisa para beber?
Tenho *Coca-Cola*, café e sumo de laranja.

Reparei que Claude trazia um grande saco pendurado do ombro. Pela sua aparência sólida, estaria cheio de roupa. Não me lembrava de o ter convidado para passar a noite.

Entrou, sisudo e parecendo algo infeliz. Estivera dentro da casa

antes, mas não muitas vezes e movia a cabeça em redor, olhando a minha cozinha. Era nova porque a velha ardera e tinha electrodomésticos novos e tudo parecia ainda apumado e a estrear.

— Sookie, não posso ficar mais tempo em casa. Podes alojar-me durante uns dias, prima?

Tentei apanhar o queixo do chão antes que notasse como me deixara chocada. Em primeiro lugar, Claude confessara precisar de ajuda. Em segundo, confessara-mo a mim. Em terceiro, pretendia ficar na mesma casa que eu quando, normalmente, me considerava tão relevante como um escaravelho. Era uma mulher humana. Na sua opinião, eram dois pontos contra. Além disso, claro, havia a questão de Claudine ter morrido em minha defesa.

— Claude — comecei, tentando soar apenas compreensiva —, senta-te. Que se passa? — Olhei a caçadeira, muito feliz por estar ao meu alcance.

Claude lançou-lhe apenas um olhar desinteressado. Após um momento, pousou o saco e ficou de pé, como se não conseguisse perceber o que fazer a seguir.

Parecia surreal estar na cozinha a sós com o meu primo fada. Mesmo que, aparentemente, tivesse escolhido continuar a viver entre humanos, não se poderia dizer que sentisse por eles qualquer afeição. Apesar de fisicamente belo, percebera que Claude se comportava como uma besta com todos os que o rodeavam. Mas tinha alterado cirurgicamente as orelhas para parecer humano e não precisar de gastar energias fingindo permanentemente ter aparência humana. Tanto quanto sabia, os seus contactos sexuais tinham sido sempre com humanos do sexo masculino.

— Continuas a viver na casa que partilhavas com as tuas irmãs? — Era uma prosaica casa de tipo rústico em Monroe, com três quartos.

— Sim.

Muito bem. Esperava um pouco mais de desenvolvimento.

— Os bares não te mantêm ocupado? — Entre a gestão de dois clubes de *strip* (o *Hooligans* e um sítio novo que acabara de comprar) e o seu número semanal no *Hooligans*, calculei que Claude tivesse uma vida ocupada e próspera. Por ser tão bonito, fazia muito dinheiro com as gorjetas e o trabalho ocasional como modelo reforçava o seu rendimento. Conseguia fazer salivar até a avó mais contida. Estar na mesma divisão que uma pessoa tão atraente deixava as mulheres em êxtase...

até abrir a boca. Além disso, já não precisava de dividir os rendimentos do clube com a irmã.

— Estou ocupado. E não me falta dinheiro. Mas, sem a companhia dos meus... sinto-me faminto.

— A sério? — perguntei sem pensar. A seguir, senti vontade de me pontapear. Mas ouvir que Claude precisava de mim (ou de qualquer outra pessoa) parecia-me muito improvável. O seu pedido para ficar comigo era completamente inesperado e não era bem-vindo.

A minha avó censurou-me mentalmente. Estava diante de um membro da minha família, um dos poucos que restavam vivos e/ou acessíveis. O meu relacionamento com o meu bisavô Niall terminara quando regressou a Faery e fechou a porta atrás de si. Apesar de me ter reconciliado com Jason, o meu irmão continuava a ter uma vida distante. Os meus pais e a minha avó estavam mortos, a minha tia Linda e a minha prima Hadley também e raramente via o filho pequeno de Hadley.

Conseguira deprimir-me completamente em apenas um minuto.

— Tenho sangue de fada suficiente para te poder ajudar? — Foi tudo o que me ocorreu dizer.

— Sim — respondeu, muito simplesmente. — Já me sinto melhor. — Parecia um eco estranho da conversa com Bill. Claude esboçou um meio sorriso. Se parecia incrível quando estava infeliz, parecia divino quando sorria. — Porque estiveste em contacto com fadas, a tua essência foi acentuada. A propósito, tenho uma carta para ti.

— De quem?

— Niall.

— Como é possível? Pensei que o mundo dos *fae* estivesse selado.

— Tem os seus meios — disse Claude, de forma evasiva. — É o único príncipe que resta. E é muito poderoso.

«Tem os seus meios.»

— Hmmpf — disse. — Muito bem. Onde está?

Claude retirou um envelope do seu saco. Era de papel pardo e selado com uma rodela de lacre azul. O lacre estava decorado com um pássaro de asas abertas.

— Então há uma caixa de correio para uso das fadas — disse. — É possível enviar e receber cartas?

— Esta carta, pelo menos.

Os *fae* eram exímios na evasão. Não contive um suspiro exasperado.

Peguei numa faca e fi-la deslizar por baixo do lacre. O papel que retirei do envelope tinha uma textura muito curiosa.

«Queridíssima bisneta», começava. «Há coisas que não pude dizer-te e muitas coisas que não pude fazer por ti antes de os meus planos serem destruídos pela guerra.»

Muito bem.

«Esta carta foi escrita na pele de uma das fadas aquáticas que afogou os teus pais.»

— Ick! — gritei, deixando cair a carta sobre a mesa da cozinha.

Claude aproximou-se imediatamente.

— Que se passa? — perguntou, olhando em redor como se esperasse ver surgir um *troll*.

— Isto é pele! Pele!

— Esperavas que Niall escrevesse em quê? — Parecia genuinamente confuso.

— Que nojo! — Até aos meus ouvidos aquilo pareceu demasiado infantil. Mas... pele?

— Está limpa — explicou Claude, esperando claramente que aquilo resolvesse o meu problema. — Foi processada.

Cerrei os dentes e estendi a mão para a carta do meu avô. Inspirei fundo para me serenar. Na verdade, a... o material quase não tinha cheiro. Reprimindo um desejo de calçar as luvas de tirar tabuleiros do forno, obriguei-me a concentrar-me na leitura.

«Antes de deixar o teu mundo, assegurei-me de que um dos meus agentes humanos falasse com várias pessoas que poderão ajudar-te a evitar as atenções do vosso governo. Quando vendi a empresa farmacêutica que nos pertencia, apliquei uma boa parte do lucro para assegurar a tua liberdade.

Pestanejei, sentindo as lágrimas nos olhos. Podia não ser um bisavô típico, mas era inegável que tinha feito uma coisa maravilhosa por mim.

— Subornou funcionários estatais para afastar o FBI? Foi isso?

— Não faço ideia — respondeu Claude, encolhendo os ombros.

— Também me escreveu para me informar de que tenho trezentos mil dólares a mais na minha conta bancária. Além disso, Claudine não fez um testamento porque não esperava...

Não esperava morrer. Esperava educar uma criança com um amante *fae* que eu nunca conhecera. Claude recompôs-se e disse com voz vacilante.

— Niall forneceu um cadáver humano e um testamento e não precisarei de anos para provar a sua morte. Deixou-me quase tudo. Disse-o ao nosso pai, Dillon, quando lhe surgiu durante o seu ritual de morte.

As fadas informavam os parentes de que tinham passado para o outro mundo depois de assumirem uma forma espiritual. Pensei no motivo que teria levado Claudine a surgir a Dillon e não ao irmão. Perguntei-lho, tentando escolher as melhores palavras.

— O destinatário da visão será quem for imediatamente mais velho — explicou, rígido. — A nossa irmã, Claudette, surgiu-me a mim, por ser mais velho que ela por um minuto. Claudine executou o seu ritual de morte ao nosso pai, por ser mais velho que eu.

— Então disse ao vosso pai que queria que ficasses com a sua parcela dos clubes? — Era uma sorte para Claude que Claudine tivesse transmitido a alguém os seus desejos. Pensei no que aconteceria se fosse o *fae* mais velho da linhagem a morrer. Guardaria essa questão para mais tarde.

— Sim. E a sua parcela da casa. E o seu carro. Apesar de já ter um. — Por algum motivo, Claude parecia desconfortável. E culpado. Porque se sentiria culpado?

— Como consegues conduzi-lo? — perguntei, desviando-me do que percebera. — Com os problemas das fadas com o ferro?

— Calço luvas invisíveis sobre a pele exposta — respondeu. — Calço-as depois de cada banho. E desenvolvi tolerância com cada década a viver no mundo humano.

Voltei a minha atenção para a carta.

«Poderei fazer mais alguma coisa por ti. Informar-te-ei. Claudine deixou-te algo.»

— Ah. A Claudine também me deixou alguma coisa? O que é? — Olhei Claude, que não parecia exactamente agradado. Calculei que não conhecesse exactamente o conteúdo da carta. Se Niall não tivesse referido o legado de Claudine, Claude poderia não o ter feito. As fadas não mentiam, mas nem sempre partilhavam toda a verdade.

— Deixou-te o dinheiro na sua conta bancária — disse, resignado. — Contém os salários do seu trabalho na loja e a sua percentagem do lucro dos clubes.

— Ó... tão simpática. — Pestanejei um par de vezes. Tentava não mexer na minha conta-poupança e a conta corrente não tinha grande saúde por ter faltado a muitos dias de trabalho nos últimos tempos.

Além disso, as gorjetas tinham sofrido por me sentir mal. As empregadas sorridentes ganhavam mais do que as empregadas tristes.

Algumas centenas de dólares ser-me-iam muito úteis. Talvez pudesse comprar roupa nova e precisava muito de uma sanita nova para a casa de banho do corredor.

— Como se fará a transferência?

— Receberás um cheque do Sr. Cataliades. Ocupa-se da herança.

O Sr. Cataliades (se tinha um primeiro nome, nunca o ouvira) era advogado e era também (maioritariamente) um demónio. Lidava com os assuntos jurídicos humanos de muitos sobrenaturais do Louisiana. Senti-me um pouco melhor quando Claude referiu o seu nome porque sabia que o Sr. Cataliades não teria motivos de queixa de mim.

Bom, tinha de decidir qual seria a resposta à proposta de Claude para dividir a casa comigo.

— Deixa-me fazer um telefonema — disse, apontando a cafeteira.

— Se precisares de mais, posso fazer. Tens fome?

Claude abanou a cabeça.

— Então, depois de ligar à Amelia, podemos conversar.

Dirigi-me ao telefone do quarto. Amelia acordava mais cedo que eu porque o meu trabalho me obrigava a deitar tarde. Atendeu o telemóvel ao segundo toque.

— Sookie — disse, não parecendo tão abatida como esperara. — Que se passa?

Não conseguia pensar numa forma casual de chegar à pergunta.

— O meu primo quer viver comigo durante uns tempos — disse-lhe. — Pode ficar com o quarto à frente do meu, mas, se ficar lá em cima, teremos os dois um pouco mais de privacidade. Se planeias voltar em breve, claro que ficará no quarto de baixo. Não queria que voltasses e descobrisses alguém a dormir na tua cama.

Seguiu-se um longo silêncio. Preparei-me.

— Sookie — começou. — Adoro-te. Sabes que sim. E adorei viver contigo. Foi uma dádiva divina ter alguém que me abrigasse depois daquela história com o Bob. Mas não vou poder sair de Nova Orleães tão cedo. Tenho de... resolver muitas coisas.

Esperara-o, mas, mesmo assim, era um momento duro. Não acreditara realmente que pudesse voltar. Pensara que recuperaria mais depressa em Nova Orleães (e estava certa, já que não mencionara Tray). Parecia que o luto não era o único problema.

— Estás bem?

— Estou — respondeu. — E tenho estudado mais com a Octavia. — Octavia, a sua mentora na feitiçaria, tinha regressado a Nova Orleães com o amor que julgava perdido. — Além disso, fui finalmente... julgada. Tenho de cumprir um castigo por... pelo Bob.

Referia-se à transformação accidental do seu amante num gato. Octavia restaurara a forma humana de Bob, mas, naturalmente, este não se sentiu agradado com Amelia e Octavia também não. Apesar de ser uma estudante aplicada, a magia transformacional estava claramente além das duas capacidades.

— Não te vão chicotear ou coisa parecida, pois não? — perguntei, esforçando-me para fazer as palavras soarem como um gracejo. — Afinal, não morreu. — Apenas perdera uma parte considerável da sua vida, incluindo o Katrina e a possibilidade de informar a família de que tinha sobrevivido.

— Algumas chicotear-me-iam se pudessem. Mas as bruxas não funcionam assim. — Amelia tentou rir, mas não foi convincente. — Como castigo, tenho de fazer uma espécie de serviço comunitário.

— Como apanhar lixo ou ensinar miúdos?

— Bom... como misturar poções e preparar sacos de ingredientes comuns para serem usados quando for necessário. Fazer horas extraordinárias na loja de magia e matar galinhas para rituais ocasionais. Muitas tarefas banais. Sem pagamento.

— Que porcaria — considere. Comigo, o dinheiro era sempre um assunto delicado. Amelia crescera rica, mas eu não. Se alguém me privasse do meu rendimento, deixar-me-ia muito irritada. Durante um momento breve, pensei no conteúdo da conta bancária de Claudine e abençoei-a por se ter lembrado de mim.

— O Katrina devastou os círculos de Nova Orleães. Perdemos alguns membros e também as suas contribuições. E nunca uso o dinheiro do meu pai para despesas do círculo.

— E qual é a decisão? — perguntei.

— Tenho de ficar aqui. Não sei se conseguirei voltar a Bon Temps. E lamento muito porque adorei viver contigo.

— Igualmente. — Inspirei fundo, determinada em não soar nostálgica. — E as tuas coisas? Não que tenhas deixado muito aqui, mas, mesmo assim...

— Podem ficar aí por enquanto. Trouxe o essencial. Usa o resto como acares melhor até conseguir ir buscar o que falta.

Conversámos um pouco mais, mas tínhamos dito já tudo o que

era importante. Esqueci-me de lhe perguntar se Octavia tinha descoberto uma forma de dissolver o elo de sangue com Eric. Era possível que a resposta não me interessasse muito. Desliguei, sentindo-me simultaneamente triste e feliz. Feliz por saber que Amelia resolvia o seu problema com o círculo e por constatar que se sentia mais animada do que estivera em Bon Temps depois da morte de Tray. Triste por perceber que não pretendia regressar. Após um momento de despedida silenciosa, regressei à cozinha para informar Claude de que o andar de cima era todo seu.

Depois de interiorizar o seu sorriso satisfeito, passei ao assunto seguinte. Não sabia como abordar a questão e decidi perguntar-lhe directamente.

— Andaste pela floresta atrás da casa?

A única coisa que via na sua expressão era perplexidade absoluta.

— Porque faria uma coisa dessas? — perguntou.

— Não perguntei se tinhas motivo. Perguntei se lá estiveste. —

Bastava de evasão.

— Não — disse.

— Isso é mau.

— Porquê?

— Porque os lobisomens me disseram que houve uma fada a passear por lá recentemente. — Mantive os olhos fixos nos seus. — E, se não és tu, quem poderá ser?

— Não restam muitas — disse Claude.

Evasão novamente.

— Se houvesse mais fadas que não tenham passado pelo portal antes de ser fechado, podias conviver com elas — disse. — Não precisarias de ficar comigo e com a minha percentagem minúscula do vosso sangue. No entanto, aqui estás. E, algures na minha floresta, há outra fada. — Mantive-me atenta à sua expressão. — Não te vejo interessado em procurá-la. Que se passa? Porque não saís disparado para a encontrar, fazer amizade e ser feliz?

Claude baixou o olhar.

— O último portal a fechar ficava na tua floresta — explicou. — É possível que não esteja completamente fechado. E sei que Dermot, o teu tio-avô, estava no exterior. Se for ele a fada que os lobisomens sentiram, não lhe agradaria ver-me.

Achei que teria mais alguma coisa a dizer, mas ficou-se por ali.

Más notícias e nova evasão do assunto. Continuava a ter dúvidas

acerca das suas intenções, mas Claude integrava a pouca família que me restava.

— Está bem — disse, abrindo uma gaveta onde guardava coisas variadas. — Aqui tens a chave. Vamos ver como funciona. Tenho de ir trabalhar à tarde. E temos de conversar. Sabes que tenho um namorado, certo? — Sentia-me já vagamente envergonhada.

— Quem é? — perguntou Claude, com algo que se assemelhava a interesse profissional.

— Bom... é o Eric Northman.

Assobiou. Parecia em simultâneo impressionado e cauteloso.

— Passa a noite aqui? Preciso de saber se me vai atacar. — Pela sua expressão, era como se a possibilidade não fosse totalmente desagradável. Mas o que importava era o efeito verdadeiramente inebriante das fadas nos vampiros. Semelhante ao efeito da nêveda nos gatos. Eric sentiria dificuldades para se impedir de morder Claude se estivesse por perto.

— Seria provável que não tivesses bom fim — disse-lhe. — Mas acho que, com algum cuidado, conseguiremos dar a volta à questão. — Eric raramente passava a noite em minha casa por preferir regressar a Shreveport antes do amanhecer. Tinha tanto trabalho em todas as noites que achava mais conveniente acordar em Shreveport. Podia oferecer-lhe um esconderijo onde um vampiro dormiria em relativa segurança, mas não era exactamente luxuoso como a sua casa.

Preocupava-me um pouco mais a possibilidade de Claude trazer homens desconhecidos. Não queria encontrar-me com alguém que não conhecesse quando fosse à cozinha em camisa de dormir. Amelia tivera algumas pessoas a passar a noite, mas eram pessoas que conhecia. Inspirei fundo, esperando que o que estava prestes a dizer não soasse homofóbico.

— Claude, não penses que não quero que te divirtas — comecei, desejando despachar a conversa. Contemplei a forma como Claude aceitava sem complexos a minha vida sexual e desejei conseguir imitá-lo.

— Se quiser dormir com alguém que não conheças, levo-o para a minha casa em Monroe — disse Claude, com um sorrisinho matreiro. Percebi que conseguia ser consciencioso quando queria. — Ou aviso-te antecipadamente. Pode ser?

— Claro — respondi, surpreendida pela pronta aceitação. Mas dissera as palavras certas. Descontraí um pouco enquanto lhe mostra-

va onde guardava alguns utensílios essenciais de cozinha, partilhando dicas acerca da máquina de lavar e secar e explicando que a casa de banho do corredor era sua. A seguir, levei-o ao piso de cima. Amelia esforçara-se para deixar bonito um dos pequenos quartos e decorara o outro como uma sala. Levara o computador portátil, mas a televisão continuava ali. Verifiquei que a cama tinha lençóis limpos e que o armário estava praticamente livre da sua roupa. Apontei a porta do sótão para o caso de precisar de arrumar alguma coisa. Claude abriu-a e deu um passo para o interior. Olhou o espaço sombrio e apertado em redor. Gerações de Stackhouse tinham armazenado ali coisas de que achavam poder vir a precisar um dia e tinha de admitir que estava um pouco caótico e apinhado.

— Precisas de dar um jeito nisto — disse. — Sabes o que aqui está?

— Lixo familiar — respondi, olhando com algum desconsolo. Nunca conseguira a coragem para levar a cabo a tarefa desde a morte da minha avó.

— Ajudo-te — declarou Claude. — Será o meu pagamento pelo quarto.

Abri a boca para dizer que Amelia me pagara com dinheiro, mas pensei melhor. Era da família.

— Ótimo — respondi. — Mas ainda não sei se serei capaz. — Os meus pulsos doíam naquela manhã, apesar de estarem muito melhores do que antes. — E há outros trabalhos na casa que estão além das minhas capacidades. Não te importas de dar uma ajuda?

Curvou-se numa vénia.

— Seria um prazer — disse.

Era uma faceta de Claude muito diferente da que conhecia e aprendera a desprezar.

A dor e a solidão pareciam ter alterado algo no belíssimo *fae*. Parecia ter percebido que precisava de demonstrar alguma bondade para com os outros se desejasse receber o mesmo tratamento. Claude parecia compreender que precisava de alguém, sobretudo depois da morte das suas irmãs.

Senti-me um pouco mais tranquila acerca do nosso acordo quando saí para o trabalho. Ouvi Claude mover-se no piso de cima durante algum tempo e, a seguir, desceu com um braçado de produtos capilares para arrumar na casa de banho. Levara-lhe já toalhas limpas. Parecia satisfeito com a casa de banho, que era muito antiquada, mas Claude

conhecera a era anterior às canalizações internas e talvez a visse de outra perspectiva. Para ser sincera, ouvir mais alguém na casa descontraía alguma coisa dentro de mim, uma tensão que nem sequer sabia sentir.

— Olá, Sam — disse. Estava atrás do balcão quando saí pela porta da área dos funcionários, onde deixara a bolsa e vestira um avental. O *Merlotte's* não estava muito movimentado. Como sempre, Holly conversava com o seu Hoyt, que se demorava a jantar. Holly vestia a camisola do bar e trazia calções axadrezados de cor verde e rosa em vez do preto da farda oficial.

— Estás com bom aspecto, Holly — disse-lhe. Reagiu com um sorriso radiante. Enquanto Hoyt sorria, satisfeito, Holly estendeu a mão para mostrar um anel novo em folha.

Guinchei e abracei-a.

— Fantástico! — considerei. — Holly, é tão bonito! Já escolheram uma data?

— É provável que seja no Outono — disse Holly. — O Hoyt tem de trabalhar muitas horas na Primavera e no Verão. É quando tem mais trabalho. Pensámos em Outubro ou Novembro.

— Sookie — disse Hoyt, baixando a voz e invocando uma expressão solene. — Agora que me entendi com o Jason, vou pedir-lhe para ser o meu padrinho.

Lancei um olhar muito breve a Holly, que nunca fora uma grande apreciadora do meu irmão. Continuava a sorrir e, ainda que conseguisse captar as suas reservas, Hoyt não conseguia.

— Ficará encantado — disse.

Tive de me apressar a fazer a ronda pelas mesas, mas sorri enquanto trabalhava. Pensei se a cerimónia decorreria depois do anoitecer. Se assim fosse, Eric poderia ir comigo. Seria maravilhoso! Transformar-me-ia de «pobre Sookie que nunca ficou noiva» em «Sookie que trouxe o tipo magnífico ao casamento». A seguir, tracei um plano de contingência. Se o casamento fosse diurno, poderia convencer Claude a ir comigo! Parecia-se exactamente com um modelo de capa de romances. Aliás, era ele a capa de alguns. (Leram *A Dama e o Moço de Estrebaria* ou *O Casamento Tórrido de Lorde Darlington*? Uau!)

Apercebi-me com desagrado de que pensava no casamento apenas levando em conta os meus sentimentos... mas não havia nada mais desagradável do que ser uma solteirona num casamento. Percebia que era ridículo sentir-me posta na prateleira aos vinte e sete anos. Mas

perdera muito tempo e esse facto pesava-me cada vez mais. Tantas das minhas amigas de liceu se tinham casado (algumas mais do que uma vez) e algumas estavam grávidas. Como Tara, que entrava pela porta vestindo uma camisola muito larga.

Acenei-lhe para transmitir que falaríamos quando pudesse e fui buscar um chá gelado para a Dra. Linda Tonnesen e uma *Michelob* para Jesse Wayne Cummins.

— Como estás, Tara? — curvei-me para a abraçar. Tinha-se sentado a uma mesa.

— Preciso de uma *Coca-Cola Light* sem cafeína — disse. — E de um *cheeseburger*. Com muitos *pickles* fritos. — Parecia feroz.

— Claro — respondi. — Vou buscar a *cola* e entregar o teu pedido. Quando voltei, esvaziou o copo inteiro.

— Vou arrepender-me daqui a cinco minutos porque terei de ir à casa de banho — explicou. — Não faço mais nada além de ir à casa de banho e comer. — Tinha grandes olheiras e a pele não estava no seu melhor. Onde estava o brilho da gravidez de que ouvira falar tanto?

— Quanto tempo falta?

— Três meses, uma semana e três dias.

— O Dr. Dinwiddie deu-te uma data certa!

— O JB acha que estou enorme — disse Tara, revirando os olhos.

— Disse-o? Com essas palavras.

— Sim. Disse.

— Bolas. O rapaz precisa de aprender uma lição sobre palavras adequadas.

— Contentava-me se ficasse calado.

Tara casara com JB sabendo que a capacidade cerebral dele não era o seu ponto mais forte e nada daquilo deveria surpreendê-la. Mas queria tanto que fossem felizes. Não podia dizer-lhe que colhia o que semeara.

— Ama-te — disse, tentando tranquilizá-la. — É apenas...

— O JB — completou. Encolheu os ombros e conseguiu invocar um sorriso.

A seguir, Antoine gritou que o meu pedido estava pronto e a expressão ávida na face de Tara disse-me que estava mais interessada na comida do que na falta de tacto do marido. Regressou à *Tara's Togs* uma mulher mais feliz e também mais cheia.

Assim que anoiteceu, usei o telemóvel para ligar a Eric da casa de banho. Odiava esconder-me de Sam para falar com o namorado, mas

precisava de apoio. Agora que me dera o seu número, deixara de precisar de ligar para o *Fangtasia*, o que tinha pontos positivos e negativos. Antes, nunca sabia quem atenderia e nem todos os vampiros de Eric me apreciavam. Por outro lado, sentia saudades de falar com Pam, o braço-direito de Eric. Éramos quase amigas.

— Estou aqui, amante — disse Eric. Era difícil não estremecer quando ouvia a sua voz, mas o ambiente na casa de banho das senhoras do *Merlotte's* não era propício à luxúria.

— Eu também estou aqui, obviamente. Ouve, preciso mesmo de falar contigo — disse-lhe. — Aconteceram coisas.

— Estás preocupada.

— Sim. E com um bom motivo.

— Tenho uma reunião com Victor dentro de meia hora — explicou. — Sabes que será tenso.

— Sei. E lamento incomodar-te com os meus problemas. Mas és o meu namorado e ser bom ouvinte é um dos requisitos de um bom namorado.

— O teu namorado — repetiu. — Parece... estranho. Quase juvenil. Se há coisa que não sou será juvenil.

— Vai-te lixar, Eric! — Sentia-me exasperada. — Não quero ficar escondida na casa de banho a discutir a terminologia indicada! E então? Vais ter tempo mais tarde ou não?

Riu-se.

— Sim. Por ti. Podes vir aqui? Espera. Envio a Pam para te trazer. Estará em tua casa à uma. Pode ser?

Teria de me apressar para chegar a casa a horas, mas era razoável.

— Está bem. E diz à Pam que... Bom, diz-lhe para não se deixar entusiasmar por nada, ouviste?

— Certamente. Terei muito gosto em transmitir essa mensagem tão clara.

Desligou. Não era grande adepto de despedidas como a maioria dos vampiros.

Seria um dia muito longo.



3

Felizmente para mim, os últimos clientes saíram cedo e pude terminar o trabalho em tempo recorde. Lancei um «boa noite» sobre o ombro e corri pela porta dos fundos em direcção ao carro. Quando parei atrás da casa, notei que o carro de Claude não estava lá. Estaria provavelmente em Monroe, o que simplificava tudo. Apressei-me a mudar de roupa e a retocar a maquilhagem. Enquanto aplicava o batom, Pam bateu à porta das traseiras.

Mostrava-se no seu melhor naquela noite. O cabelo louro estava perfeitamente liso e reluzente, o fato azul-claro parecia uma preciosidade de outra era e as meias tinham costuras atrás, que me mostrou, voltando-se.

— Uau — exclamei. Era a única resposta possível. — Estás fantástica. — A sua aparência envergonhava a minha saia vermelha com blusa branca.

— Sim — respondeu, com considerável satisfação. — Estou. Ah... — Ficou muito quieta. — Cheira-me a fada?

— Sim, mas não há nenhuma presente agora. Controla-te. O meu primo Claude esteve aqui hoje. Vai ficar comigo durante uns tempos.

— Claude, a besta quadrada incrivelmente bela e deliciosa?

A reputação de Claude precedia-o.

— Sim. Esse Claude.

— Porquê? Porque vai ficar contigo?

— Sente-se sozinho — disse.

— Acreditas realmente nisso? — As sobranceiras claras de Pam arqueavam-se com incredulidade.

— Bom... sim, acredito. — Que outro motivo teria Claude para ficar em minha casa, tão longe do seu trabalho? Não tinha qualquer interesse em mim e não pedira dinheiro emprestado.

— Será alguma intriga entre fadas — disse Pam. — Serás tonta se te deixares enredar.

Ninguém gostaria que lhe chamassem tonta. Pam passara o limite, mas não era conhecida pelo «tacto».

— Chega, Pam — disse-lhe. Devo ter parecido muito séria, porque me fitou durante uns quinze segundos.

— Ofendi-te — disse, mas não como se a constatação a incomodasse.

— Sim, ofendeste. O Claude sente a falta das irmãs. Não restam fadas para conviver com ele desde que o Niall fechou o portal. Ou portais. Ou o que raio tiver fechado. Sou o que tem de mais próximo de alguém como ele, o que é bastante patético, pois só tenho uma percentagem mínima de sangue de fada.

— Vamos — disse Pam. — Eric espera-te.

Mudar de assunto quando não tinha mais nada a dizer era outra das características de Pam. Não evitei sorrir e abanar a cabeça.

— Como correu a reunião com o Victor? — perguntei.

— Seria positivo se Victor sofresse um acidente inesperado.

— Estás a ser sincera?

— Não. O que desejava realmente era que alguém o matasse.

— Eu também. — Os nossos olhares encontraram-se e vi-a curvar brevemente a cabeça. Estávamos de acordo acerca de Victor.

— Desconfio de cada frase que profere — disse. — Questiono cada uma das suas decisões. Penso que deseja roubar a posição de Eric. Não quer continuar a ser o emissário do rei. Deseja conquistar um território próprio.

Imaginei Victor vestido de peles, remando uma canoa pelo Rio Vermelho com uma donzela índia estoicamente sentada atrás de si. Ri-me. Entrávamos no carro de Pam e ela olhou-me com intensidade.

— Não te compreendo — disse. — A sério que não. — Dirigimo-nos para a Hummingbird Road e virámos para norte.

— Ser xerife no Louisiana é superior a ser emissário do Felipe,

que tem um reino rico? — perguntei, com grande seriedade, para recuperar o terreno perdido.

— Será melhor reinar no inferno do que ser servo no paraíso — disse Pam. Sabia que citava alguém, mas não sabia quem.

— O Louisiana é o inferno? E Las Vegas é o paraíso? — Quase acreditaria que um vampiro cosmopolita poderia considerar o Louisiana um local de residência pouco desejável, mas achar Las Vegas um sítio paradisíaco? Não me parecia.

— Força de expressão. — Pam encolheu os ombros. — Está na altura de Victor se libertar de Felipe. Passaram muito tempo juntos e Victor é ambicioso.

— É verdade. Qual achas que será a sua estratégia? Como conseguirá depor o Eric?

— Tentará desacreditá-lo — disse Pam, sem hesitar. Era claro que tinha pensado no assunto. — Se não conseguir, tentará matá-lo. Mas não o fará de forma directa, em combate.

— Tem medo?

— Sim — respondeu Pam, sorridente. — Acredito que sim. — Chegámos à interestadual e íamos a caminho de Shreveport, para oeste. — Se o desafiasse, Eric teria o direito de me enviar em seu lugar. Adoraria defrontá-lo. — Os seus caninos reflectiram brevemente a luz do painel de instrumentos.

— Victor tem um braço-direito? Não o enviaria a ele?

Pam inclinou a cabeça para um lado. Parecia pensar na resposta enquanto ultrapassava um camião.

— O seu braço-direito é Bruno Brazell. Estava com ele na noite em que Eric se rendeu ao Nevada — disse. — Barba aparada, brinco? Se Eric me permitisse que lutasse por ele, Victor poderia enviar Bruno. É impressionante, acredita. Mas matá-lo-ia em cinco minutos ou menos. Podes apostar.

Pam, que fora uma jovem senhora da classe média vitoriana com um lado arrojado secreto, fora libertada pela transformação em vampira. Nunca perguntara a Eric porque escolhera transformar Pam, mas estava convencida de que teria sido por detectar a sua ferocidade interior.

Por impulso, perguntei:

— Pam? Costumas pensar no que te teria acontecido se não tiveses conhecido o Eric?

Seguiu-se um longo silêncio. Pareceu-me longo, pelo menos. Pen-

sei se teria ficado irritada ou triste pela perda da oportunidade de casar e ter filhos. Pensei se recordaria com nostalgia o relacionamento sexual com o seu criador, Eric, que (como a maioria dos relacionamentos entre vampiros) não durara muito, mas fora seguramente muito intenso.

Finalmente, quando me preparava para pedir desculpa pela pergunta, Pam respondeu:

— Acho que nasci para isto. — A luz ténue do painel de instrumentos iluminou-lhe a face perfeitamente simétrica. — Teria sido uma esposa atroz e uma mãe terrível. A parte de mim que aprecia rasgar as gargantas dos meus inimigos ter-se-ia manifestado se continuasse humana. Suponho que não teria matado ninguém porque isso não integrava a lista de coisas que podia fazer. Mas tornaria a minha família muito miserável. Podes ter a certeza.

— És uma grande vampira — disse-lhe. Não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Acenou afirmativamente.

— Sim. Sou.

Não voltámos a falar até chegarmos a casa de Eric. Estranhamente, morava num condomínio fechado com regras de construção muito rigorosas. Eric apreciava a segurança diurna proporcionada pelo portão e pelo guarda. E apreciava a casa revestida a pedra. Não havia muitas caves em Shreveport porque o nível da água era demasiado elevado, mas a casa de Eric ficava num declive. Originalmente, o piso inferior era um anexo acessível pelo pátio traseiro. Eric mandara bloquear essa porta e passava a ter um sítio ideal para dormir.

Antes do nosso elo de sangue, nunca tinha estado em casa de Eric.

Por vezes, era excitante estar tão próxima dele e, noutras ocasiões, fazia-me sentir aprisionada. Apesar de me custar acreditar que fosse possível, o sexo era ainda melhor depois de ter recuperado consideravelmente do ataque. Naquele momento, sentia que cada molécula no meu corpo vibrava por estar perto dele.

Pam tinha um comando que abria a porta da garagem e pressionou. A porta abriu-se, revelando o carro de Eric. À volta do *Corvette* reluzente, tudo estava imaculado. Não havia cadeiras de jardim, sacos de semente de relva ou latas de tinta meio vazias. Nada de escadote, oleados ou botas de caça. Eric não precisava de nada disso. O condomínio tinha relvados bonitos, com canteiros bem cuidados e perfeita-

mente delineados, mas um serviço profissional aparava cada pedaço de relva, podava cada arbusto, limpava cada folha caída.

Pam divertiu-se a fechar a porta da garagem depois de entrarmos. A porta da cozinha estava trancada e usou uma chave para permitir que entrássemos. Uma cozinha seria praticamente inútil para um vampiro, apesar de precisarem de um pequeno frigorífico para o sangue sintético e de um microondas para o aquecer até à temperatura corporal. Eric comprara uma cafeteira a pensar em mim e guardava alguma comida no congelador para os humanos que o visitassem. Ultimamente, a humana era eu.

— Eric! — chamei, quando passámos a porta. Descalcei-me e Pam fez o mesmo. Era uma das suas regras.

— Vai cumprimentá-lo! — disse Pam, quando a olhei. — Tenho de arrumar umas garrafas de *TrueBlood* e *Life Support*.

Passei da cozinha estéril à sala. As cores da cozinha eram enfadonhas, mas a sala reflectia a personalidade de Eric. Apesar de não o mostrar com frequência no vestuário, Eric nutria um amor profundo pelas cores. Na minha primeira visita à sua casa, a sala surpreendeu-me completamente. As paredes eram azuis-safira e os rodapés de um branco puro e brilhante. O mobiliário era uma mistura eclética de peças que lhe agradavam, todas com estofos garridos, algumas apresentando padrões complicados de vermelho intenso, azul, o amarelo do limão, os verdes do jade e da esmeralda, o dourado do topázio. Porque Eric era um homem grande, todas as peças eram grandes: pesadas, sólidas e cobertas com almofadas.

Eric saiu pela porta que conduzia ao seu escritório. Quando o vi, senti cada hormona pôr-se em sentido. Era muito alto, com cabelo longo e louro e os olhos tão azuis que a cor quase adquiria relevo sobre a palidez de uma face ousada e masculina. Não havia nada frágil na aparência de Eric. Vestia sobretudo calças de ganga e camisolas de manga curta, mas também já o vira de fato. A revista *GQ* ficara a perder quando Eric decidiu aplicar os seus talentos na construção de um império empresarial e não numa carreira de modelo. Naquela noite, mostrava-se sem camisa, com pêlos dourados escassos descendo até às calças, brilhantes sobre a brancura da pele.

— Salta — disse Eric, estendendo as mãos e sorrindo. Ri-me. Ganhei balanço e saltei. Eric apanhou-me, com as mãos unindo-se à volta da minha cintura. Ergueu-me até a cabeça tocar no tecto. A seguir, baixou-me para um beijo. Rodeei-lhe o tronco com as pernas e o

pescoço com os braços. Perdemos-nos um no outro durante um longo momento.

Pam disse:

— De volta à terra, rapariga-macaco. O tempo passa.

Notei que me culpava a mim e não a Eric. Afastei-me, olhando-o com um sorriso especial.

— Senta-te e conta-me o que se passa — ouvi-o dizer. — Também queres que Pam saiba?

— Sim — respondi. De qualquer forma, achava que lhe contaria.

Os dois vampiros sentaram-se em extremidades opostas do sofá vermelho-escuro e eu sentei-me à sua frente, sobre uma poltrona escarlate. Diante do sofá, havia uma grande mesinha quadrada de madeira trabalhada sobre pernas talhadas num padrão elaborado. A mesa cobria-se com coisas com que Eric se entretivera recentemente: o manuscrito de um livro sobre víquingues que lhe tinham pedido que apoiasse, um pesado cinzeiro em jade (apesar de não fumar) e uma magnífica taça de prata com um interior de esmalte azul. As suas preferências surpreendiam-me sempre. A minha casa era uma espécie de... acumulação de objectos. Aliás, não tinha escolhido nada no recheio além dos armários da cozinha e electrodomésticos. Mas a minha casa era a história da minha família. A de Eric era a sua própria história.

Passei um dedo sobre a madeira trabalhada.

— Anteontem — comecei —, o Alcide Herveaux ligou-me.

Não era a minha imaginação a fazer-me ver uma reacção dos vampiros ao que dissera. Era diminuta (a maioria dos vampiros não era dada a expressões extravagantes), mas estava lá. Eric curvou-se para diante, convidando-me a continuar o relato. Obedeci, contando-lhe que também tinha conhecido alguns dos novos membros da alcateia do Dente Longo, incluindo Basim e Annabelle.

— Vi esse Basim — disse Pam. Olhei-a com alguma surpresa. — Veio ao *Fangtasia*, numa noite, acompanhado por outra lobisomem nova de cabelo castanho... a tal Annabelle. É a nova... companhia de Alcide.

Apesar de já suspeitar, não deixou de me surpreender um pouco.

— Deve ter qualidades escondidas — disse, sem pensar.

Eric arqueou uma sobrancelha.

— Não se enquadra no que conheces dos gostos de Alcide, amante?

— Simpatizei com a Maria-Star — disse. Como tanta gente que ti-

na conhecida ao longo dos dois anos anteriores, a namorada anterior de Alcide tinha sofrido uma morte horrível. Chorei por ela.

— Mas, antes dela, relacionou-se durante muito tempo com Debbie Pelt — lembrou Eric. Tive de me esforçar para controlar a expressão. — Admitirás que Alcide tem gostos abrangentes — prosseguiu. — E tentou conquistar-te, não? — O ligeiro sotaque de Eric fazia a expressão antiquada parecer exótica. — Uma verdadeira cabra, um talento surpreendente, uma fotógrafa simpática e uma rapariga dura que não se incomoda por visitar um bar de vampiros. As predilecções femininas de Alcide mostram grande amplitude.

Era verdade. Nunca pensara nisso antes.

— Enviou Annabelle e Basim ao bar com um objectivo. Tens lido os jornais ultimamente? — perguntou Pam.

— Não — respondi. — Tenho-me esforçado para não os ler.

— O Congresso planeia aprovar uma lei que exigirá o registo de todos os lobisomens e metamorfos. A legislação e outros assuntos relacionados com eles ficaria sob alçada do Departamento de Assuntos Vampiros, como sucede com as leis e processos que regem presentemente os não-mortos. — Pam parecia muito séria.

Quase disse: «Mas isso não é justo!» A seguir, percebi que soaria como se achasse válido exigir o registo dos vampiros, mas não dos lobisomens e metamorfos. Felizmente, não abri a boca.

— Não é surpreendente que isto deixe os lobisomens furiosos. Aliás, Alcide disse-me pessoalmente que acredita que o governo enviou gente para espiar a sua alcateia. A intenção seria que descobrissem algum segredo para partilhar com os membros do Congresso que preparam a lei. Não acredita que seja apenas a sua alcateia a merecer atenções. É sensato. — Eric pareceu aprovar a sua postura. — Mas será inegável que acredita estar a ser vigiado.

Passava a compreender porque se mostrara Alcide tão preocupado com as pessoas que acampavam na sua propriedade. Suspeitava de que não seriam quem diziam ser.

— Seria terrível ser vigiado pelo governo — disse. — Sobretudo depois de uma vida inteira em que alguém se considerasse um cidadão comum. — Não tinha ainda interiorizado por completo a enormidade do impacto daquela lei. Em vez de ser um cidadão respeitado e próspero de Shreveport, Alcide (e os outros membros da alcateia) tornar-se-iam uma espécie de... imigrantes ilegais. — Onde seria feito o registo? Os seus filhos poderiam continuar a ir à escola com os outros

miúdos? E os homens e mulheres na base da força aérea de Barksdale? Depois de tantos anos! Acham que a lei tem hipóteses de ser aprovada?

Pam disse:

— Os lobisomens acreditam que sim. Talvez seja paranóia. Talvez tenham ouvido alguma coisa por intermédio dos membros do Congresso com dupla natureza. Talvez saibam alguma coisa que desconhecemos. Alcide enviou Annabelle e Basim al Saud para me informarem de que poderão ficar na nossa situação. Queriam informações acerca da representante local do DAV, perguntaram que tipo de mulher era e qual seria a melhor forma de lidarem com ela.

— Quem é a representante? — perguntei. Senti-me ignorante e mal informada. Obviamente, deveria sabê-lo por estar envolvida com um vampiro.

— Katherine Boudreaux — respondeu Pam. — Aprecia mais as mulheres do que os homens, tal como eu. — Esboçou um sorriso cheio de dentes. — Também gosta de cães. Tem uma amante regular, Sallie, que partilha a sua casa. Não lhe interessa outro relacionamento e é impossível suborná-la.

— Suponho que terás tentado.

— Tentei interessá-la sexualmente, sim. Bobby Burnham tentou o suborno. — Bobby era o ajudante diurno de Eric. Antipatizávamos profundamente um com o outro.

Inspirei fundo.

— Bom, agrada-me saber tudo isso, mas o meu problema surgiu depois de os lobisomens terem usado a minha propriedade.

Subitamente, Eric e Pam fitavam-me com grande intensidade.

— Autorizaste os lobisomens a usar as tuas terras para a sua caçada mensal?

— Sim. O Hamilton Bond disse que havia gente acampada na propriedade dos Herveaux e, agora que sei o que o Alcide vos contou... e não percebo porque não mo disse também a mim... compreendo o motivo para procurar outro local para a caçada. Acharia que eram agentes governamentais. Que chamariam ao novo departamento? — perguntei. Não poderia continuar a ser DAV, pois não? Se deixasse de representar apenas os vampiros.

Pam encolheu os ombros.

— A lei em apreciação pelo Congresso propõe que se chame Departamento de Assuntos Vampiros e Sobrenaturais.

— Volta aos teus problemas, querida — pediu Eric.

— Está bem. Bom, quando partiam, o Basim veio à minha porta e disse-me que tinha sentido o cheiro de pelo menos uma fada e de algum vampiro movendo-se pela minha propriedade. E o meu primo Claude diz que a fada não era ele.

Houve um momento de silêncio.

— Interessante — considerou Eric.

— Muito estranho — disse Pam.

Eric passou os dedos pelo manuscrito sobre a mesinha como se fosse capaz de lhe dizer quem tinha andado a rondar-me a casa.

— Não conheço as credenciais desse tal Basim. Sei apenas que foi expulso da alcateia de Houston e que Alcide o acolheu. Desconheço o motivo da expulsão. Suspeito que terá sido alguma perturbação. Investigaremos o que te disse. — Voltou-se para Pam. — Heidi, a rapariga nova, diz que é uma batedora.

— Têm uma vampira nova? — perguntei.

— Foi-nos enviada por Victor. — A boca de Eric reduziu-se a uma linha de profundo desagrado. — Aparentemente, Victor administra-nos com rédea curta mesmo estando em Nova Orleães. Enviou Sandy, que deveria ser o elo de ligação, de volta para o Nevada. Suspeito que acreditaria não exercer sobre ela controlo suficiente.

— Como conseguirá reorganizar Nova Orleães viajando tanto pelo estado como a Sandy?

— Presumo que deixará Bruno Brazell a substituí-lo — disse Pam. — Acho que Bruno finge que Victor está em Nova Orleães quando se ausenta. O resto dos seus seguidores desconhece o seu paradeiro em metade do tempo. Porque matou todos os vampiros locais que encontrou, resta-nos apenas a informação do nosso único espião que sobreviveu ao massacre.

Claro que queria mudar o rumo da conversa para falar do espião. Quem seria suficientemente intrépido para ser espião de Eric no domínio do seu inimigo? Mas tinha de me limitar ao assunto em discussão: a omnipresença do novo regente do Louisiana.

— Então o Victor gosta de andar pelas trincheiras — disse. Eric e Pam olharam-me sem perceber. Os vampiros mais velhos nem sempre dominavam expressões comuns. — Gosta de ver pessoalmente em vez de confiar numa corrente de comando — expliquei.

— Sim — respondeu Pam. — E a corrente poderá ser muito literal e pesada sob administração de Victor.

— Pam e eu falámos dele pelo caminho. Não percebo porque o

Felipe de Castro o escolheu como representante no Louisiana. — Na verdade, Victor parecera razoável nas duas ocasiões em que o encontrara pessoalmente, o que mostrava apenas que não se podia julgar um vampiro pela sua cordialidade ou pelo sorriso.

— Há duas escolas de pensamento — disse Eric, esticando as pernas longas à sua frente. Recordei brevemente as mesmas pernas estendidas sobre lençóis amarrados e forcei a mente a regressar à conversa.

Eric esboçou-me um sorriso de caninos aguçados (sabia o que eu sentia) antes de continuar.

— A primeira refere que Felipe quer Victor tão distante quanto lhe seja possível. Suspeito que Felipe pensará que, se der a Victor um grande naco de carne fresca, este não se sentirá tentado a roubar o bife inteiro.

— Outros de nós — começou Pam — pensam que Felipe escolheu Victor apenas pela sua grande eficiência. E que a sua devoção a Felipe poderá ser sincera.

— Se a primeira teoria estiver correcta — disse Eric —, a confiança entre os dois não será plena.

— Se for a segunda — disse Pam —, e agirmos contra Victor, Felipe matar-nos-á a todos.

— Estou a perceber — afirmei, passando os olhos da Primeira Teoria (calças de ganga e tronco nu) para a Segunda Teoria (fato azul clássico). — Odeio parecer egoísta, mas é a primeira coisa que me ocorre. Porque o Victor não vos autorizou a ajudarem-me quando precisei... e sei que te devo muito, Pam... isso significará que não honrou a promessa, não? O Felipe prometeu-me que me protegeria, como seria de esperar depois de lhe salvar a vida.

Houve uma pausa significativa enquanto Eric e Pam interiorizavam as minhas palavras.

— Creio que Victor se esforçará para não te prejudicar directamente até ao momento em que decidir tornar-se rei, se vier a acontecer — considerou Pam. — Se decidir fazê-lo, todas as promessas feitas por Felipe perderão o valor. — Eric acenou com a cabeça em concordância.

— Fantástico. — Era provável que soasse petulante e egoísta. Era precisamente o que sentia.

— Presumindo que não encontramos forma de o matar primeiro — acrescentou Pam em voz baixa. E todos ficámos calados durante um longo momento. Por mais que concordasse com a necessidade de

matar Victor, havia algo que me perturbava por estarmos a discutir a sua morte.

— Achem que essa tal Heidi, que, supostamente, será uma grande batedora, estará aqui em Shreveport como espia do Victor? — perguntei, tentando repelir o arrepio gélido que sentia.

— Sim — respondeu Pam. — A não ser que seja espia de Felipe para o informar das acções de Victor no Louisiana. — Tinha aquela expressão sinistra na face, a que dizia que ficava pronta para a acção. Ninguém queria ver aquela expressão em Pam durante uma conversa sobre si. No lugar de Heidi, teria muito cuidado com as minhas acções.

«Heidi», que invocava tranças e saias de roda na minha imaginação, parecia um nome demasiado alegre para uma vampira.

— Que devo fazer acerca deste alerta da alcateia do Dente Longo? — perguntei, devolvendo a discussão ao problema original. — Vão enviar a Heidi a minha casa para seguir o rasto da fada? Tenho de vos dizer mais uma coisa. O Basim cheirou um cadáver, um cadáver não recente, enterrado num ponto remoto da minha propriedade.

— Ah — exclamou Eric. — Ups. — Voltou-se para Pam. — Dá-nos um momento a sós.

Acenou afirmativamente e saiu para a cozinha. Ouvi a porta dos fundos fechar-se.

Eric disse:

— Desculpa, querida. A não ser que tenhas enterrado mais alguém na tua propriedade sem me teres informado, o cadáver será de Debbie Pelt.

Era o que receava.

— O carro também lá está?

— Não. O carro afundou-se num lago a uns quinze quilómetros para sul.

Era um alívio.

— Pelo menos foi um lobisomem a encontrá-lo — disse. — Suponho que não precisemos de nos preocupar, a não ser que o Alcide consiga identificar o seu cheiro. Não vão desenterrar o corpo. Não foi responsabilidade de nenhum deles. — Debbie era a ex-namorada de Alcide quando tive o infortúnio de a conhecer. Sem querer arrastar a explicação, direi que foi ela a primeira a tentar matar-me. Levei algum tempo a conseguir ultrapassar a sua morte. Eric estivera comigo nessa noite, mas tinha perdido a memória. E essa será outra história.

— Vem cá — disse Eric. Via-lhe na face a minha expressão pre-

ferida e o agrado era acrescido por não querer pensar demasiado em Debbie Pelt.

— Hmm... Que me darás se for? — Olhei-o com curiosidade.

— Acho que sabes muito bem o que te darei. E acredito que adorarás recebê-lo.

— Então... não te agrada nada a ti?

Antes que tivesse tempo de pestanejar, estava de joelhos à minha frente, abrindo-me as pernas e debruçando-se para me beijar.

— Acho que sabes o que sinto — disse, num sussurro. — Estamos ligados. Julgas que não penso em ti enquanto trabalho? Penso em ti sempre que tenho os olhos abertos, penso em cada parte do teu corpo. — Os seus dedos moveram-se e gemi. Era directo, até para ele. — Amas-me? — perguntou, fixando o olhar no meu.

Era um pouco difícil responder, sobretudo levando em consideração o que faziam os seus dedos.

— Adoro estar contigo e não apenas quando fazemos sexo. Ó, Deus. Faz isso outra vez! Adoro o teu corpo. Adoro o que fazemos juntos. Fazes-me rir. Gosto disso. Gosto de te ver fazer seja o que for. — Beije-o de forma demorada e persistente. — Gosto de te ver vestir. E despir. Gosto de ver as tuas mãos quando me fazes isto. Ah! — Estremeci de prazer. Depois de um momento para recuperar, murmurei: — Se te fizesse a mesma pergunta, qual seria a resposta?

— Diria exactamente o mesmo — afirmou Eric. — E acredito que isso significa que te amo. Se isto não for amor verdadeiro, ninguém conseguirá aproximar-se tanto. Vês o que me fizeste? — Não precisava de apontar. Era bastante óbvio.

— Parece doloroso. Queres que cuide dele? — perguntei, com a voz mais tranquila que consegui invocar.

Limitou-se a rosnar em resposta. Trocámos de posição num instante. Ajoelhei-me à sua frente e as suas mãos repousaram na minha cabeça, acariciando-a. Eric era um tipo de tamanho considerável e aquela era uma parte da nossa vida sexual que me forçava a tentar melhorar. Mas achei que estava a ficar bastante competente e ele pareceu concordar. As suas mãos fecharam-se após um minuto ou dois, agarrando-me o cabelo, e reagi com um pequeno gemido de protesto. Largou o meu cabelo e agarrou-se ao sofá. Ouvi-lhe um rosnado profundo.

— Mais depressa — disse. — Agora! Agora! — Fechou os olhos e lançou a cabeça para trás, abrindo e fechando as mãos em espasmos. Adorava ter aquele poder sobre ele. Era outra coisa de que gostava.

Subitamente, disse qualquer coisa numa língua antiga e arqueou as costas. Movi-me com maior intensidade, engolindo tudo o que me oferecia.

E tudo aquilo com a maior parte da roupa vestida.

— O meu amor satisfez-te? — perguntou, com voz lenta e sonhadora.

Sentei-me no seu colo e rodeei-lhe o pescoço com os braços para um momento de carinho. Agora que recuperara o prazer proporcionado pelo sexo, senti-me mole como um trapo depois de uma sessão com Eric. Mas era aquela a minha parte preferida, apesar de me sentir um estereótipo feminino quando o admitia.

Enquanto nos sentávamos, unidos, Eric falou-me de uma conversa que tivera com um vampirófilo no bar e rimos. Contei-lhe como a Hummingbird Road estava caótica enquanto o condado a reparava. Supunha que seria o tipo de assunto que se discutiria com alguém que se amasse. Acreditava-se que se importariam com assuntos triviais, já que eram coisas importantes para nós.

Infelizmente, sabia que Eric tinha mais coisas para resolver naquela noite e disse-lhe que regressaria a Bon Temps com Pam. Por vezes, ficava ali, lendo enquanto trabalhava. Não era fácil conseguir tempo a sós com um líder e empresário que se mantinha acordado apenas durante a noite.

Beijou-me para que o recordasse.

— Enviarei Heidi. Provavelmente na noite depois da próxima — disse. — Verificará o que Basim disse ter cheirado na floresta. Diz-me se tiveres notícias de Alcide.

Quando Pam e eu deixámos a casa de Eric, começou a chover. A chuva arrefeceu um pouco o ar e liguei o aquecimento no carro, mantendo-o no mínimo. A ela não lhe faria qualquer diferença. Seguimos em silêncio durante algum tempo, cada uma perdida em pensamentos próprios. Observei os limpa-pára-brisas movendo-se para um lado e para o outro.

Pam disse:

— Não lhe falaste da fada que veio morar contigo.

— Bolas! — Cobri os olhos com uma mão. — Pois não. Havia tanta coisa para discutir que me esqueci.

— Compreendes que Eric não apreciará ter outro homem a viver na casa da sua mulher.

— Outro homem que é meu primo e que é *gay*.

— Mas que é muito belo e trabalha como *stripper*. — Pam olhou-me. Sorria. Os seus sorrisos eram algo desconcertantes.

— Pode ver-se alguém a despir-se uma e outra vez. Se não se gostar da pessoa, não acontecerá — disse, com convicção.

— Compreendo mais ou menos essa frase — considerou, após um momento. — Mas, mesmo assim, dividir a casa com um homem tão atraente... não é bom, Sookie.

— Estás a brincar, não estás? O Claude é *gay*. Não apenas gosta de homens como gosta deles com barba por fazer e com manchas de óleo nas calças de ganga.

— Que significa isso? — perguntou Pam.

— Significa que gosta de homens que fazem trabalhos duros, usando as mãos. Ou os punhos.

— Ah. Interessante. — O ar de reprovação mantinha-se. Hesitou por um momento e disse: — Eric não tem ninguém como tu há muito, muito tempo, Sookie. Acredito que será suficientemente sensato para fazer o que deve, mas não deverás esquecer as suas responsabilidades. O momento é perigoso para os poucos que restam entre os seus seguidores originais desde a morte derradeira de Sophie-Anne. Os vampiros de Shreveport pertencem duplamente a Eric, por ser o único xerife sobrevivente do regime anterior. Se Eric perecer, todos perecemos. Se Victor conseguir desacreditá-lo ou se, de alguma forma, conseguir minar a sua influência na cidade, será o nosso fim.

Não tinha percebido que a situação tinha contornos tão extremos. Eric também não mo explicara.

— É assim tão mau? — perguntei, sentindo-me atordoada.

— É suficientemente viril para parecer forte diante de ti, Sookie. Eric é um grande vampiro e é muito prático. Mas não tem conseguido ser prático nestes dias... Não no que te diz respeito.

— Estás a tentar dizer que achas que não deverá continuar envolvido comigo? — A pergunta foi directa. Apesar de, geralmente, me sentir muito grata por não conseguir ler as mentes dos vampiros, em algumas ocasiões, achava-o frustrante. Estava habituada a saber mais do que desejava sobre o que as pessoas pensavam e sentiam em vez de questionar se estaria certa.

— Não creio. — Pam parecia pensativa. — Odiaria vê-lo infeliz. E a ti — acrescentou, depois de uma pausa. — Mas, se és tu o motivo da preocupação, não reagirá como reagiria... como deveria reagir...

— Se eu não estivesse envolvida.

Pam não disse mais nada durante algum tempo. Depois, continuou.

— Acho que a única coisa a impedir Victor de te raptar como forma de manipular Eric é o vosso casamento. Victor continua cauteloso, tentando fazer tudo segundo as regras. Não se rebelará abertamente contra Felipe. Tentará mostrar que as suas acções são justificadas. Caminha sobre gelo fino com Felipe por quase ter provocado indirectamente a tua morte.

— Talvez o Felipe o mate por nós — sugeri.

Pam considerou a possibilidade.

— Seria ideal — disse. — Mas teremos de esperar. Felipe não tomará decisões apressadas no que diz respeito à morte de um lugar-tente. Os outros ficariam intranquilos e deixariam de ser fiáveis.

Abanei a cabeça.

— É pena. Acho que o Felipe não ficaria muito incomodado se o matasse.

— Incomodar-te-ia a ti, Sookie?

— Sim. Incomodar-me-ia. — Mas não tanto como deveria.

— Se pudesses fazê-lo num momento de raiva enquanto Victor te atacasse, seria preferível a planejar matá-lo num momento em que não pudesse reagir eficazmente?

Posta naqueles termos, a minha atitude não fazia grande sentido. Conseguia ver que, quando se estava disposto a matar alguém, a planejar matar alguém, a desejar a morte de alguém, sentir incómodo com as circunstâncias seria ridículo.

— Não devia fazer diferença — disse, baixando a voz. — Mas faz. Seja como for, o Victor tem de ir.

— Mudaste — disse Pam, após um instante em silêncio. Não parecia surpresa, horrorizada ou enojada. Nem parecia agradada. Era como se reparasse que tinha mudado de penteado.

— Sim — concordei. Observámos a chuva cair.

Subitamente, Pam disse:

— Olha! — Havia um carro branco de linhas esguias estacionado na berma da interestadual. Não percebia porque ficara Pam tão agitada até ver o homem encostado ao carro, com os braços cruzados sobre o peito numa atitude completamente alheia à chuva.

Quando nos aproximámos do *Lexus*, a figura acenou-nos languidamente. Pedia-nos que parássemos.

— Merda — disse Pam. — É Bruno Brazell. Temos de parar. —

Encostou à berma à frente do carro. — E Corinna — acrescentou, com azedume. Por um dos espelhos, vi que uma mulher tinha saído do *Lexus*.

— Vieram matar-nos — disse Pam, em voz baixa. — Não conseguirei matá-los aos dois. Terás de ajudar.

— Vão tentar matar-nos? — Sentia-me muito assustada.

— Não me ocorre outro motivo para Victor enviar dois vampiros — explicou. Parecia calma. Era óbvio que pensava muito mais rapidamente que eu. — Chegou o momento! Se a paz pode ser mantida, teremos de ser nós a mantê-la por agora. Toma. — Passou-me alguma coisa para a mão. — Tira-a da bainha. É uma adaga de prata.

Recordei a pele cinzenta de Bill e a lentidão dos seus movimentos depois de ter sido envenenado com prata. Estremeci, mas a minha fraqueza enfureceu-me. Puxei a adaga para fora da bainha.

— Temos de sair, não é? — perguntei. Tentei sorrir. — Está bem. Chegou o momento.

— Sookie, tens de ser corajosa e implacável — disse Pam, abrindo a porta e desaparecendo de vista. Dirigi uma última projecção de amor a Eric como despedida enquanto prendia a adaga no elástico da saia atrás das costas. Saí do carro e vi-me envolvida pela escuridão avassaladora, estendendo as mãos para mostrar que estavam vazias. Fiquei ensopada em segundos. Prendi o cabelo atrás das orelhas para não me cair sobre os olhos. Apesar de o *Lexus* ter os faróis ligados, era difícil ver. As únicas outras fontes de luz eram os faróis dos carros que passavam em ambas as faixas da interestadual e a bem iluminada estação de serviço para camiões a quilómetro e meio de distância. Estávamos no meio de nenhures, num trecho anónimo de estrada interestadual com floresta de ambos os lados. Os vampiros conseguiam ver muito melhor do que eu. Mas sabia onde estavam porque usei o meu sentido adicional e procurei as suas mentes. Captava a presença dos vampiros como buracos, quase como manchas negras na atmosfera. Era a sua ausência que me permitia saber que lá estavam.

Ninguém falou e apenas se ouvia a chuva caindo sobre os carros. Não conseguia ouvir um carro a aproximar-se.

— Olá, Bruno — disse, soando alegre de uma forma bastante alucinada. — Quem é a tua amiga?

Aproximei-me dele. Do outro lado do separador, um carro passou a grande velocidade, dirigindo-se para oeste. Se o condutor nos tivesse visto, seria provável que achasse que duas boas samaritanas ti-

nham parado para ajudar gente com problemas mecânicos. Os humanos viam sempre o que queriam ver... o que esperavam ver.

Estando mais perto de Bruno, percebia que o cabelo castanho curto estava ensopado e colado ao crânio. Vira-o apenas uma vez e, naquele momento, ostentava a mesma expressão séria que lhe vira na noite em que se erguera diante da minha casa, pronto para avançar e incendiar a casa e os ocupantes. A postura sisuda de Bruno era como a minha alegria. Eram disposições de base.

— Olá, menina Stackhouse — disse Bruno. Não era mais alto do que eu, mas era encorpado. A vampira a que Pam chamara Corinna erguia-se à sua direita. Corinna era... fora... afro-americana e a água pingava das pontas do seu cabelo intrincadamente entrançado. As contas presas nas tranças batiam umas nas outras. Era um som que conseguia ouvir à justa sobre o ruído da chuva. Era magra e alta e reforçava a altura com saltos de sete centímetros. Apesar de trazer um vestido que teria sido muito caro, o conjunto sofria os efeitos da chuva. Parecia uma ratazana afogada muito elegante.

Porque o alarme me deixava fora de mim, comecei a rir-me.

— Tiveste um furo, Bruno? — perguntei. — Não consigo imaginar outro motivo para estares aqui no meio do nada com esta chuva.

— Esperava-te, cadela.

Não sabia ao certo onde Pam estaria e não podia dar-me ao luxo de a procurar.

— Cuidado com a língua, Bruno! Acho que não me conheces suficientemente bem para me chamares isso. Suponho que terão alguém a vigiar a casa do Eric.

— Temos. Quando vos vimos a saírem juntas, pareceu-nos um momento perfeito para resolver algumas coisas.

Corinna ainda não falara, mas olhava em redor, receosa, e percebi que não sabia para onde Pam teria ido. Sorri.

— Juro que não percebo porque fazem isto. Parece-me que o Victor deveria ficar satisfeito por ter alguém tão inteligente como o Eric a trabalhar para ele. Porque é que ele não gostaria disso? — «E deixar-nos em paz.»

Bruno deu um passo para mim. A luz era demasiado má para perceber a cor dos seus olhos, mas percebi que continuava a parecer sério. Achei estranho que se desse ao trabalho de me responder, mas qualquer coisa que nos desse mais tempo era benéfica.

— Eric é um grande vampiro, mas nunca se curvará diante de

Victor. Não a sério. E reforça o seu poder a um ritmo que deixa Victor ansioso. Tem-te a ti, por exemplo. O teu bisavô pode ter-se selado no seu mundo, mas quem garante que não regressará? E Eric pode usar a tua estúpida habilidade sempre que desejar. Victor não quer que tenha essa vantagem. — No momento seguinte, as mãos de Bruno rodeavam-me o pescoço. Movera-se tão rapidamente que não tive hipótese de reacção e percebi vagamente um alvoroço repentino à minha esquerda sobre o trovejar do coração acelerado nos ouvidos. Levei a mão atrás para alcançar a adaga, mas caímos sobre a erva alta e molhada além da berma e pontapeava uma e outra vez, empurrando e tentando ficar por cima. Pareceu-me que tinha exagerado porque rebolava para a vala de escoamento de águas. Era uma pena porque estava quase cheia. Bruno não se afogaria, mas eu sim. Magoando o ombro com a intensidade do meu esforço, puxei a adaga da saia quando consegui finalmente inverter a posição, antes de reboarmos novamente enquanto via manchas escuras diante dos olhos. Sabia que era a minha última oportunidade. Apunhalei Bruno abaixo das costelas.

E matei-o.